

BOLETIM DA COMISSÃO CATARINENSE DE FOLCLORE

9



14^o ENCONTRO
DE TERNO
DE REIS

6 DE JANEIRO DE 2011
AVENIDA PAULO FONTES - PRÓXIMO AO PRON

ANO XLIV - Nº62 - 2011

Doação
NEREU DO VALLE PEREIRA
28-03-12

EDIÇÃO Nº 62

Pede-se Permuta
Piedese canje
We ask exchanger
Sirichiede lo scambio
On demande l'échange
Man bitet um Austansech
Oni petas intersangon

Diretoria Executiva da Comissão Catarinense de Folclore/
Mandato até junho de 2015.

Nereu do Vale Pereira
Presidente

Francisco do Vale Pereira
Vice-Presidente

Cristina Maria Dalla Nora
Secretária

Acyr Osmar de Oliveira
Tesoureiro

Conselho fiscal

Maura Soares

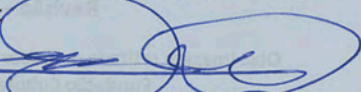
Carlos Alberto Angioletti Vieira

Daniel Pereira de Lacerda

para a Biblioteca Pública de SE
Uma parte da
Comissão Catarinense de Folclore
Folh. 28/03/2012

Endereço para correspondência e solicitar exemplares:

Ecomuseu do Ribeirão da Ilha
Rodovia Baldicero Filomeno, 10106.
Costeira do Ribeirão – Ribeirão da Ilha
88064-002 – Florianópolis – SC


Presidente

BOLETIM DA COMISSÃO CATARINENSE DE FOLCLORE



14º ENCONTRO
DE TERNO
DE REIS

4 DE JANEIRO DE 2011
AVENIDA PAULO PINTAS - FLORIANÓPOLIS - SC

ANO XLIV - Nº62 - 2011

Imagem de Capa – Folder 14º Encontro de Terno de Reis

Edição da Capa – Cristina Maria Dalla Nora

Digitação – Cristina Maria Dalla Nora

Organização e montagem – Nereu do Vale Pereira

Revisão – Cristina Maria Dalla Nora

Obs: Imagem retirada do *folder do 14º Encontro de Terno de Reis*, organizado pela Fundação Cultural de Florianópolis – Franklin Cascaes

INDICE

EDITORIAL 2012	6
Renda de Bilro de Florianópolis ganha destaque em exposição no Rio de Janeiro	8
XV Congresso Brasileiro de Folclore	10
Mãos que fiam, modelam, transformam – a arte e o artesanato identitários Por Nereu do Vale Pereira	12
ASSOMBRAÇÕES DA MITOLOGIA MINEIRA	
Por Sebastião Breguez	26
A FORÇA ECONOMICA DO FOLCLORE	
Por Sebastião Breguez	29
FLORIPA	
José Augusto Alves Rodrigues	31
Reprodução de algumas páginas do Boletim da Comissão Catarinense de Folclore Ano III, setembro e dezembro de 1951. Nº9 e 10.....	33
Correspondência de outras Comissões de Folclore.....	39
Eventos da Fundação Cultural de Florianópolis	
Franklin Cascaes	40
COMISSÃO CATARINENSE DE FOLCLORE.....	43

EDITORIAL 2012

Prezados associados e leitores do nosso tradicional BOLETIM DA COMISSÃO CATARINENSE DE FOLCLORE. Estamos, com este exemplar chegando ao número 62 e com 63 anos de existência da Comissão Catarinense de Folclore que foi criada em outubro de 1948.

Nosso BOLETIM nasceu para ser uma publicação mensal. Após três edições passou a ser semestral e, a partir de uma nova época de administração da Comissão Catarinense de Folclore, 1970, passou a ser anual com diversos interregnos e com edições plurianuais.

Ao adentrarmos para o ano de 2012 estamos colocando para o sabor dos leitores e admiradores do folclore catarinense mais um número do nosso Boletim e tem este a finalidade principal de registrar que em agosto último deveríamos comemorar os sessenta anos da realização do PRIMEIRO CONGRESSO BRASILEIRO DE FOLCLORE, realizado no Rio de Janeiro entre 23 e 31 de agosto de 1951.

Como se recorda as organizações que em mais de sessenta anos vem estudando, difundindo e preservando o folclore brasileiro saíram de propostas resultantes de um movimento cultural iniciado no ano de 1945 com o mote - CAMPANHA DE DEFESA DO FOLCLORE BRASILEIRO, lançado e implantado pelo então Ministro das Relações Exteriores o Embaixador Renato de Almeida.

É, também, da iniciativa de Renato de Almeida a realização dos Congressos Brasileiros de Folclore cuja edição de 2011, o XV, aconteceu em julho último, na Cidade de São José dos Campos Estado de São Paulo e coordenado pela Comissão Paulista de Folclore.

Na Assembléia Geral da Comissão Nacional de Folclore foi confiada à Comissão Catarinense de Folclore a realização do próximo XVI Congresso cujos preparativos essa Comissão já vem assumindo e prevendo que em julho de 2013 possa Florianópolis promover o evento com todo o brilhantismo que se deva espelhar no realizado em São Pulo.

Desde já estamos solicitando a todos os membros de Comissões Estaduais e demais estudiosos do folclore, que remetam para a nossa comissão sugestões sobre os conteúdos a serem enfocados nesse próximo conclave. Esperamos com ansiedade que nos sugiram nomes de personalidades competentes para palestras sobre o folclore e quem possa proceder a um resgate histórico do primeiro congresso de 1951

De nossa parte estamos assumindo a responsabilidade de em momento ainda a ser determinado dentro do XVI Congresso apresentar um resumo do que foi o primeiro Congresso e uma síntese dos conteúdos abordados pelos congressistas.

Não poderíamos deixar passar a data dos sessenta anos do primeiro congresso para recordar que quase todos os congressos aconteceram na Semana Universal do Folclore, isto é a semana que contém a data internacional do Folclore o dia 24 de agosto. Perguntamos: não será oportuno retomarmos essa data para o próximo congresso confirmando a tradição?

Há razões fortes para que ele seja realizado em julho como vem acontecendo nos últimos seis anos?

Que venham muitas e muitas colaborações e sugestões para que possamos organizar esse XVI Congresso Brasileiro de Folclore com conteúdos fortes e importantes na difusão, preservação e defesa dos nossos valores folclóricos base da cidadania brasileira.

- Comunicamos que aceitando proposta dentro da Assembléia Geral da Comissão Nacional de Folclore, realizada em São Paulo durante o XV Congresso Brasileiro de

Folclore, que nosso BOLETIM estará sendo divulgado pela via digital, mas, contudo, ainda continuamos a imprimir um número limitado de exemplares para que estejam em arquivos documentais, em bibliotecas e em lugares onde ainda a informática não esteja disponibilizada.

Neste ano de 2011, obedecendo nosso Estatuto realizamos a Assembléia Geral de eleições de Diretoria e de Conselho Fiscal da Comissão Catarinense de Folclore.

Fomos reconduzidos à Presidência para um mandato de quatro anos e incorporamos mais novos valores na diretoria, como pode ser visualizado na primeira contra capa onde se registra a íntegra dessa Diretoria, e atualizamos o quadro social que agora contém trinta e seis filiados regulares.

+ Registramos, com muita dor e saudades, a perda neste ano de mais um dos sócios fundadores. Faleceu em 14 de fevereiro o Professor Doutor Osvaldo Ferreira de Melo nos 82 anos de idade. Além de ter sido um dos precursores da criação de nossa Comissão foi um esmerado estudioso e divulgador do folclore catarinense. Sua morte nos deixa menos ricos de especialistas desse nível. *Muito obrigado Professor Osvaldo Melo.*

Fica aqui nossa saudação a todos os colegas folcloristas esperando que a leitura deste nosso atual boletim nº 62 possa lhes oferecer matéria relevante e oportuna.

Fevereiro de 2012

Professor Nereu do Vale Pereira – Presidente.

Renda de Bilro de Florianópolis ganha destaque em exposição no Rio de Janeiro

Artesanato tradicional do município ficará em exposição até novembro, na Sala do Artista Popular, no Rio de Janeiro, numa promoção do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular, em parceria com a Fundação Cultural do Município de Florianópolis - Franklin Cascaes e Casa dos Açores Ilha de Santa Catarina

foto/divulgação:



Seu Zeca e dona Helena, no Campeche, confirmam ditado popular que diz que "Onde há rede, há renda"

Um grupo de 20 rendeiras participou nesta quinta-feira (27/10), às 17h, da abertura de uma exposição exclusiva na Sala do Artista Popular (SAP), do Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular, no Rio de Janeiro. Na vitrine, o destaque será a "Renda de Bilro de Florianópolis" tramada em toalhas, blusas, colchas e outras peças artesanais que serão apresentadas ao público até 27 de novembro. O evento é resultado da parceria entre a Fundação Cultural de Florianópolis Franklin Cascaes (FCFFC), Casa dos Açores Ilha de Santa Catarina e Ministério da Cultura (MinC), por meio do Instituto de Patrimônio Histórico e Artístico Nacional (Iphan).

Junto com a exposição, divulgação e venda dos produtos será também lançado um catálogo etnográfico sobre o trabalho das artesãs da capital catarinense. Contendo fotos e textos inéditos, com depoimentos de rendeiras de várias comunidades do município, o livro traz o registro do processo de produção deste artesanato tradicional enraizado na cultura local há mais de dois séculos. A última publicação do gênero, em 1986, foi o livro "Rendas da Ilha de Santa Catarina", lançado durante exposição promovida pela Fundação Nacional de Artes/Funarte, em Curitiba (PR).

A Sala do Artista Popular é um espaço para exposições, voltado à difusão e comercialização da produção de artistas e comunidades artesanais de todo o Brasil. Precedidas de pesquisa de campo e documentação fotográfica, as mostras são abertas à visitação pública e contam com edição de catálogo etnográfico, propiciando oportunidades de expansão de mercado, valorização do artesanato e comercialização da produção. Criada em 1983, a SAP realiza em média nove exposições por ano, definidas mediante seleção realizada pelo Centro Nacional de Folclore e Cultura Popular, no Rio de Janeiro.

Mapeamento cultural

O levantamento das informações sobre a atividade das rendeiras, que será divulgado na SAP, foi realizado em 2010, pela pesquisadora Maria Amélia Müller Wendhausen e pelo artista plástico e fotógrafo Jone Araújo, integrantes da Casa dos Açores Ilha de Santa Catarina (Caisc). O mapeamento faz parte do processo de implantação do Centro de Referência da Renda de Bilro de Florianópolis (Casarão das Rendeiras), que está vinculado ao Programa de Promoção do Artesanato de Tradição Cultural – Promocart, desenvolvido pelo MinC, em parceria com a Fundação Franklin Cascaes e Caisc.

Durante quatro meses, Maria Wendhausen e Jone Araújo visitaram com unidades na Ilha e região continental para conhecer o cotidiano das artesãs que mantêm essa tradição passada de mãe para filha desde que os primeiros açorianos chegaram à Ilha de Santa Catarina, no século 18.

A dupla acompanhou a coleta da matéria-prima que garante a produção artesanal e registrou o processo de recorte e conservação dos piques (moldes de papelão que dão formato à renda). Acompanhou também a escolha do tecido para confecção das almofadas, além da construção dos caixotes que dão suporte para toda a estrutura de produção da renda de bilro. “A experiência foi emocionante. Em muitos momentos a gente desabou a chorar”, confessa Maria.

A pesquisa permitiu ainda conhecer as cantorias, crenças e histórias de vida de mulheres e homens entrelaçados pelas tramas da tradição. Neste caso, eles exercem um papel fundamental na manutenção da atividade artesanal, seja construindo os caixotes, coletando a madeira ou torcendo os bilros que prendam os fios de linha. “Os homens participam muito e alguns até ajudam na confecção da almofada, mas o feito da renda continua sendo um a atividade das mulheres” comenta Jone Araújo.

Ao todo, foram feitas 80 entrevistas e a partir delas, por indicação das artesãs, surgiram outros nomes de rendeiras, levando os pesquisadores a estimular a existência de pelo menos 300 mulheres ainda exercendo o ofício no município – a grande maioria delas descendente de açorianos e tem pescadores na família, o que confirma o ditado que diz que “onde há rede, há renda”.

A quantidade de material coletada na pesquisa é tanta que já está previsto o lançamento de um livro sobre as rendeiras de Florianópolis, com planejamento as informações divulgadas no catálogo e inserindo um ingrediente mais humano agregado a novas imagens sobre essa tradição. A obra deve ser lançada no próximo semestre de 2012, com o selo da Fundação Cultural de Florianópolis-Franklin Cascaes Publicações.

Onde há rede, há renda

Não se sabe ao certo a origem da renda de bilro. Alguns pesquisadores defendem que o artesanato surgiu em Flandres, na Bélgica, no século 15, de onde se espalhou pela Europa, em especial Itália e França, chegando depois a Portugal e ao arquipélago dos Açores. Os portugueses trouxeram a arte da renda para o Brasil nos trajes da igreja e vestuário da nobreza.

Na Ilha de Santa Catarina, a renda de bilro surgiu por influência dos açorianos. Os primeiros imigrantes (473 pessoas) partiram do porto de Angra do Heroísmo na Ilha Terceira, rumo ao Brasil, em 21 de outubro de 1747, chegando ao destino em 6 de janeiro de 1748. Em homenagem a esses antepassados e suas tradições a Lei nº 8030/2009 instituiu a data de 21 de outubro com o Dia Municipal da Rendeira, atendendo à proposição do vereador Edilson Manoel da Rosa (PM DEB), o Dinho. Para sobreviver já naquela época, os homens passavam longos períodos na atividade pesqueira em alto-mar, enquanto as mulheres ocupavam o tempo livre tecendo fios em almofadas de bilro. As rendas produzidas eram vendidas no mercado da cidade ou trocadas por produtos de necessidade básica para reforçar o orçamento familiar, numa tradição cultural que atravessou gerações, originando o ditado popular “onde há rede, há renda”.

Entre as rendas de bilromais conhecidas, feitas no município estão a “Maria Morena” e a “Trançã”, ou renda dos sete pares, considerada um produto típico de Santa Catarina. Para preservar a atividade e promover a troca de conhecimento entre as artesãs, a Fundação Cultural de Florianópolis – Franklin Cascaes mantém um núcleo de oficinas de renda no Centro Cultural Bento Silveira na Lagoa da Conceição, desde a década de 1990, espaço que está abrigoando o Centro de Referência da Renda de Bilro de Florianópolis.

Fonte: <http://portal.mfsc.gov.br/noticias/index.php?pagina=noticia¬icia=5494>

XV Congresso Brasileiro de Folclore



**XV CONGRESSO
BRASILEIRO DE
FOLCLORE**

11 a 15 de julho de 2011 – São José dos Campos

HISTÓRIA E FOLCLORE: CAMINHOS QUE SE ENTROUZAM

Com o fô referenciado no Editorial deste Boletim, realizou-se em São Paulo, no Município de São José dos Campos o XV Congresso Brasileiro de Folclore que foi organizado, conduzido e produzido e realizado pela Comissão Paulista de Folclore.

Procuraram os seus realizadores fazer coincidir o congresso com o evento anual REVELANDO SÃO PAULO, uma produção do Governo do Estado de São Paulo e que busca reunir durante quatro dias num adequado e grande espaço público representações de tantos municípios que queiram participar dessa festa popular e tradicional divulgando a arte popular em geral com destaque para os principais hábitos da CULTURA REGIONAL. Esse evento foi positivamente importante para a

valorização do XV Congresso Brasileiro de Folclore, ficando parabenizada a Comissão Paulista de Folclore por essa articulação.

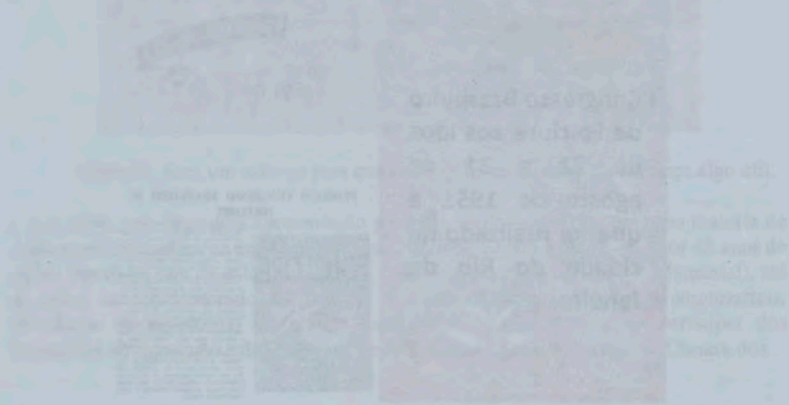
Todas as Comissões estaduais de folclore estiveram presentes bem como todos os integrantes da Comissão Nacional que além de prestigiar o conclave realizaram várias reuniões de entendimentos com as representações estaduais e uma assembléia geral prevista no seu Estatuto Social.

Mais de um milhar de pessoas estiveram inscritos no Congresso incluindo todos os aqueles que participaram do curso de atualização folclórica que se desenvolveu durante todo o congresso e os conteúdos foram destinados a professores da rede paulista de ensino e demais interessados.

Da parte da Comissão Catarinense de Folclore desejamos agradecer o apoio recebido da Comissão Paulista de Folclore com destaque para o presidente Toninho Macedo e de sua assessora coordenadora geral do congresso a Professora e folclorista senhora Maria Cristina Gobbi.

A seguir estamos divulgando o texto completo da aula proferida pelo nosso presidente em respectivo conclave.

Folclore é a expressão popular da cultura de um povo, que se manifesta através de suas tradições, costumes, lendas, músicas, danças, jogos, festas, etc. É a herança cultural que se transmite de geração em geração, e que constitui a identidade de um povo. O folclore é uma expressão da criatividade popular, e é através dele que o povo se reconhece e se afirma.

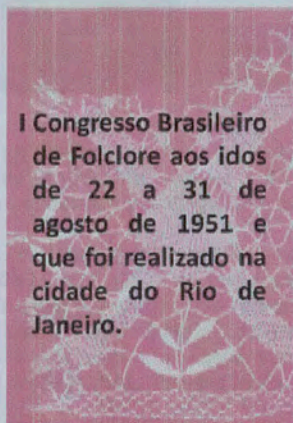


Mãos que fiam, modelam, transformam – a arte e o artesanato identitários.
Por Nereu do Vale Pereira



Inicialmente apresento minhas cordiais saudações aos ilustres integrantes desta seleta mesa coordenadora de nossa aula dentro deste curso de atualização sobre o folclore brasileiro.

Parabéns para todos quantos aqueles que idealizaram e estruturaram este curso que vem enriquecer esse majestoso XV Congresso Brasileiro de Folclore, celebrando o sexagésimo aniversário da realização do I Congresso Brasileiro de Folclore aos idos de 22 a 31 de agosto de 1951 e que foi realizado na cidade do Rio de Janeiro. Aquele evento estabeleceu um marco importante nos estudos, na difusão e especialmente na defesa e preservação das manifestações folclóricas brasileiras e, se hoje aqui estamos reunidos é não só um hino de louvor aquele primeiro CONGRESSO, mas, sobretudo, um dever de gratidão às comissões estaduais de folclore, pois, graças a essas é que estejamos hoje aqui colhendo os frutos e dando continuidade a tudo quanto foi semeado nesses sessenta anos.



PRIMEIRO CONGRESSO BRASILEIRO DE FOLCLORE



Realizado de 22 a 31 de agosto de 1951, no Palácio do Maracanã, o I Congresso Brasileiro de Folclore teve como sede o Rio de Janeiro, capital do Brasil. Organizado pela Comissão de Folclore do Conselho Nacional de Cultura, sob a presidência de Nereu do Vale Pereira, reuniu representantes de todos os Estados brasileiros e de Portugal. O Congresso teve como objetivo principal a difusão e a preservação do folclore brasileiro e a criação de uma Comissão Nacional de Folclore. O Congresso foi o primeiro de uma série de eventos realizados pelo IBCC para a promoção do folclore brasileiro. O Congresso foi o primeiro de uma série de eventos realizados pelo IBCC para a promoção do folclore brasileiro.

Felicito a todos e todas presentes neste seletor auditório integrado por pessoas que, segundo informação colhida na coordenação, é composto na sua maioria por professores que já atuam em sala de aula e desejam saber um pouco mais sobre o folclore para que o conhecimento aqui adquirido seja útil para suas atividades professorais.

Nossa Comissão Catarinense de Folclore, que hoje presido, já esteve presente não só com destaque no primeiro, como, também, em todos os demais Congressos já realizados. Somos co-participes dos contextos desses eventos que marcaram novas eras e novos estudos, como disse, do folclore brasileiro.

Por outro lado, é também gratificante para mim, hoje com 83 anos já vividos, estar aqui diante de um auditório de gente jovem que é até possível que estejam seus integrantes a pensar: “O que um velho de 83 anos tem a nos dizer como algo novo e que nos seja útil, já que vivemos uma modernidade com todo um complexo sistema da informação cibernética que tudo universaliza estabelecendo uma globalização das características culturais de todos os povos e nações. Os conteúdos são bem mais rapidamente acessíveis dentro de um processo avançado da comunicação humana. Quase seja possível admitir uma globalização da cultura instituída por todo esse novo sistema de informações. Neste contexto “o que é que uma pessoa que já viveu 83 anos e que iniciou sua vida dentro de um universo tecnológico muito pobre, tem aqui hoje a nos apresentar coisas que nos possam ser úteis?”

Conceito básico, científico e histórico do artesanato

a.1. Modo de Fazer: cultura resultado da triplíce competição do homem como um ser dotado de vida física, orgânica e intelectual.

1º No nível adaptativo – homem X meio externo e físico.

2º No nível do associativo – convívio e consciência [sociedade]

3º No nível Ideológico – idéias, pensamentos, sistemas e normas.

Cultural material e imaterial

a.2. O saber e o fazer: a criação de instrumentos, objetos, gestos e figuração para atender necessidades básicas. Os talheres – a vestimenta – as edificações

a.3. O que entender por artesanato e suas origens.

Conceito econômico

Conceito antropológico

As formas e funções do artesanato identificam o “ser” das comunidades onde são encontrados, e tem tipologias próprias

a.4. Tipos de artesanato em relação aos materiais utilizados e às suas funções (discutir função)

Contudo, farei um esforço para que a minha comunicação lhes ofereça algo útil.

De outro lado faço uma apresentação pessoal visto que eu falo para uma maioria de professores. Orgulho-me em dizer que sou professor. Exerci o magistério por 43 anos de ações dentro da sala de aula e circulando desde o ciclo primário (hoje fundamental), até as ações de pós-doutorado. Embora eu tivesse passado por atividades empresariais, atividades de assessoria, de planejamento privado e público e de participar dos Conselhos de Educação e de Cultura do meu Estado de Santa Catarina, da Câmara dos

Vereadores, da Assembléia Legislativa de Santa Catarina, e de passar diversas funções importantes do Estado catarinense, nunca deixei de estar em sala de aula. Nunca me vali dessas situações para requerer licenças ou me afastar das práticas docentes. Isso porque achei, e sempre considerei, e considero, a função de um professor como algo importante na vida de qualquer sociedade. É um serviço importantíssimo o exercido pelo professor ao conduzir gerações e gerações na busca do saber. Embora eu vá falar muitas coisas, já que para falar do tema que a gente se propõe, isto é, o artesanato e o trabalho com as mãos, seja amplo e complexo, não impede que durante a minha fala se alguém desejar fazer alguma intervenção poderá fazê-la. E, se tiver recurso de acesso ao microfone que o faça para que sejam ouvidos por todo o auditório, mesmo que seja para contraditar aquilo que eu esteja colocando. O espaço está aberto livremente para esta franquia.



Alerto inicialmente que deixarei para ao final um espaço considerável para que possamos dialogar e encaminhar perguntas, contestações e esclarecimentos. Estarei disposto a discutir as questões abordadas.

Falo então na condição hoje de folclorista, porque além de professor, e possuindo os registros profissionais de economista e sociólogo, aprofundi-me nos estudos folclóricos. Por extensão de minhas pesquisas e estudos, venho exercendo atividades museológicas fundando e mantendo em Florianópolis, Ilha de Santa Catarina o ECOMUSEU DO RIBEIRÃO DA ILHA, uma propriedade rural a partir da colonização açoriana do século XVIII.

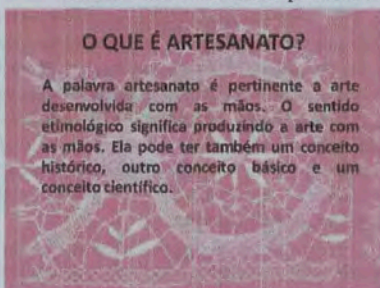


Vejamos que embora me tenha envolvido com todo esse elenco de produção profissional e científica e estando hoje na presidência da Comissão Catarinense de Folclore a qual estou filiado cerca de cinquenta anos, tenho ainda participado de outras comissões de estudos, pesquisas, divulgação e defesa do folclore brasileiro.

E, no caso de Santa Catarina, me debruço mais sobre nossa realidade onde destaco o artesanato, o tema de nossa palestra. Naturalmente é este um tema altamente diversificado.

O Brasil tendo uma dimensão quase que continental e uma população gerada por contributos étnicos os mais diversos, o contexto de seu artesanato resultou extremamente diversificado e de uma incomensurável variedade de tipos, formas e funções. Não nos é possível ter um bom conhecimento desse universo e, por isso, cada pesquisador ou se debruça sobre determinada tipologia um fica com seus estudos restritos a uma bem determinada área geográfica. No nosso caso nos concentramos em Santa Catarina e com maior profundidade na contribuição da colonização açoriana levada a efeito em meados de século XVIII por projeto, alias, o único projeto de colonização produzido pela coroa portuguesa durante o Brasil colônia.

Acerca deste tema temos publicado livros e inúmeros artigos durante os sessenta



O QUE É ARTESANATO?
A palavra artesanato é pertinente a arte desenvolvida com as mãos. O sentido etimológico significa produzindo a arte com as mãos. Ela pode ter também um conceito histórico, outro conceito básico e um conceito científico.

anos de circulação do Boletim da Comissão Catarinense de Folclore, e dentre eles, na maioria apresentando aspectos do artesanato catarinense. Volto a repetir, ser quase impossível um estudioso ter um amplo domínio do artesanato brasileiro como um todo.

produzindo a arte com as mãos. Ela pode ter também um conceito histórico, outro conceito básico e um conceito científico. Para discutir essas formas conceituais é importante que se faça, também, depois um breve comentário.

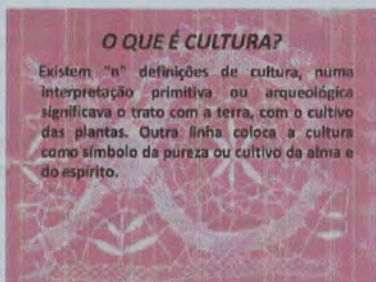
Para incursionar no tema convém lembrar que a palavra artesanato é pertinente a arte desenvolvida com as mãos. O sentido etimológico significa

Para Rossini Tavares de Lima o artesanato é um fato folclórico relativo aos fazeres e saberes e inclui a cerâmica utilitária, artística e a decorativa em barro ou vidro(cristais) figurativos; trabalhos com couro de animais e suas resinas ou de seus chifres; trançados e tecidos de fibras vegetais e de animais; rendas e bordados; fiação em teares e suas rocas; o fabrico da farinha de mandioca; os monjolos, o pilão; aos almofarizes; as engenhocas; os instrumentos musicais populares; a tinturaria; os objetos para brinquedos e diversão; peças de funções religiosas e/ou mitológicas, e muitas outras facetas.

Não restam dúvidas, também, que tudo aquilo que se refira a modos de fazer objetos diversos com o auxílio das mãos é o artesanato, e, quando espontâneo, é uma manifestação folclórica vez que se entende por folclore o conjunto dos modos de fazer, de pensar, de sentir e simbolizar de todos os indivíduos e cada sociedade resultantes da criação espontânea e imaginativa do ser humano. Todo esse conjunto de práticas foi gerado pelo esforço na busca do homem para solucionar ou de dar respostas aos problemas existências de cada um. Cada uma dessas respostas atende necessidades existenciais concretas. Vejam, por exemplo, que se hoje eu for sentar-me à uma mesa

para uma refeição devo recorrer a pratos, talheres adequados segundo as praxes culturais, copos de várias formas e um conjunto de regras comportamentais que foram livres e espontaneamente estabelecidas sem um acordo coletivo. Se não as cumprir não me alimentarei, e se for num restaurante de melhor nível serei forçado a me retirar. É bom lembrar que em certas sociedades ou se usam palitos ou até as próprias mãos durante o ato de se alimentar. Fica aqui a indicação de um exercício claro do artesanato em suas funções e até de comportamentos idiossincráticos e folclóricos. Inegavelmente trata-se de um procedimento cultural.

Mas, *O QUE É CULTURA?* - Existe um elevado número de definições e inúmeras obras que tratam especificamente de explicar e entender o que deva se conceber por cultura humana.



Segundo a UNESCO a cultura deve ser considerada com um conjunto dos traços distintivos espirituais, materiais, intelectuais e afetivos e que distingam uma sociedade e um grupo social, abarcando, além das artes e das letras, os modos de vida, os direitos fundamentais do ser humano, os sistemas de valores, as tradições e as crenças.

Pascal Ory diz que: *Cultura é o conjunto das representações coletivas de uma sociedade. Quase se pode dizer que o hábito ou o costume é que é nos homens, a natureza humana.*

Christoph Brumann; A cultura é o conjunto de padrões adquiridos a partir dos quais as pessoas pensam, sentem e fazem. Uma cultura não requer proximidade física ou um tipo específico de sociabilidade direta, apenas interação social. Mesmo ver, ouvir ou ler uns aos outros pode ser o suficiente.

Cultura se refere ao humano tanto o material quanto o imaterial, como a totalidade do mundo físico apropriado pelas sociedades humanas. Estão incluídos não apenas o que o ser humano cria e produz, na forma de artefatos artesanais ou não, como tudo o que ele transforma no decorrer do tempo.

A Constituição brasileira em seus dispositivos salvaguarda a cultura e os direitos culturais que os brasileiros criam e estruturam. Em seu artigo 215 reza: O Estado garantirá a todos o pleno exercício dos direitos culturais e acesso às fontes da cultura nacional. A ela caberá resguardar as manifestações das culturas populares, indígenas e afro brasileiras, e das de outros grupos participantes do processo civilizatório nacional, além de dispor sobre a fixação de datas comemorativas de alta significação para os diferentes grupos étnicos nacionais.

Existem outras “n” definições de cultura. Numa interpretação primitiva ou arqueológica cultura significava o trato com a terra com o cultivo das plantas. Outra

linha colocava a cultura com o símbolo da pureza ou cultivo da alma e do espírito. Então teriam os dois ângulos bem diferentes para explicar as funções da cultura sendo um voltado para um a cultura essencialmente material e outra a espiritual ou imaterial. Aqui chegamos a um a forma mais simplificada de diferenciação entre cultura material e cultura imaterial tão em uso na atualidade. Essas interpretações decorrem da realidade que nós humanos seres vivos, biológicos, físicos, biointelectuais, que ao vivemos num determinado e específico espaço geográfico nos deparamos com condicionantes adversos ao nosso viver. São condicionantes oferecidos pela própria natureza física de um lado de outro com a participação de outros semelhantes e um elenco intocável e intangível no pensar filosófico institucionalizando normas ideológicas. Surtam etan os concomitantes a três níveis de competição. Um a competição adaptativa ou física, um a segunda a competição associativa vez que o homem é um ser social, e um a terceira, um a competição das ideias e valores. No ajustamento desses níveis vivemos e sobrevivemos. Não se trata de situações autônomas e independentes. Pelo contrário são concurrentes e concomitantes. Tudo o que o ser humano faz para sobreviver ou existir extraindo o ambiente quer escolhendo os melhores caminhos e abrigos; na busca da água e da proteção caracteriza com um modo que denotamos de cultural. Até pode parecer crer que se trata de um ambiente somente agressivo se pensamos sobre um passado consideravelmente selvagem. Contudo se observarmos aos quadros dos grandes centros urbanos e as pressões das massas e dos instrumentos de um a forte tecnologia é de se pressentir competições bem mais violentas e agressivas. Tudo aquilo que o homem inventa e engendra para enfrentar tais situações deve-se entender com o cultura.

Apesar de tudo aí estão as grandes tempestades, os terremotos, maremotos, vulcanismos e intempéries catastróficas que continuam existindo e a desafiar a capacidade humana em criar meios defensivos ou ajustados para situações existenciais. O artesanato se insere dentro deste quadro e é partir desse e de outros meios que essa competição vai se conformando aos interesses coletivos e tornando o viver agradável e salutar.

Assim, num quadro de múltiplas facetas atravessamos ou exercitamos esses três níveis de competição.

Outro nível de competição é a associativa, já que o homem é um ser social e logo ele individualmente não conseguiria responder as suas necessidades básicas e carências. Precisa buscar semelhantes para somar com ele na busca de respostas, e esse buscar o outro significa se ajustar e não esperar que o outro se ajuste a ele. Há um exercício de uma interação um troca de experiências recíprocas e esse convívio é um a consciência coletiva, consciência do social, e exige também toda um a série de conflitos internos e externos de competições, sobre o que eu posso e o que é que eu não posso, o que é que eu devo, o que é que eu não devo, a que devo responder. Até para procriar o homem precisa de um a associação de um macho com um a fêmea. Nesse contexto existe um a rigida competição um homem e um a mulher não se encontram em qualquer lugar e em qualquer momento e ambiente para manter um a relação esperando a procriação. Existe um a série de regras, de normas, de condutas, que vão sendo traçadas para que esse convívio essa consciência social seja positiva e que leve a um a boa solução e produza os resultados esperados. Isto é, um a fraternal convívio procurando aparar as arestas dos desentendimentos. Vejam que na sociedade densa de hoje, urbana, rigida e secular os solos e os espaços estão fortemente ocupados. Percebe-se que a cada instante são competições novas e de grande intensidade que levam até ao extermínio de pessoas

um as as outras através de desencontros mais diversos. Então esse nível associativo não é assim tão fácil de ser vencido com o um a atividade apenas lúdica ou tão somente de resultados positivos para ambas as partes. Há conflitos e conflitos bastante sérios nesse nível.

Para conformar e qualificar aquilo que é certo o que é errado, o que é que pode, o que não pode, o que é bom, o que é mal, o homem trabalha a sua mente para o fazer, pensar, sentir, simbolizar. Esse esforço simboliza um nível ideológico, aquilo que as idéias, os pensamentos, os sistemas vão estruturando para que nós homens em sociedade em convívio possamos encontrar os melhores e mais positivos resultados dessa convivência. É dentro desta visão que se encontram os conceitos tanto do feldre com o um toda e, no caso presente, com o um a parte do feldre que se chama artesanato, o saber, o fazer na criação de instrumentos, de objetos, de gestos, figurações, para atender as necessidades básicas. Tais como os talheres, as vestimentas, as edificações, o locomover-se, o sistema de transporte, o sistema de comunicações, que hoje está num nível real em relação ao anterior, as comunicações, a universalização através de satélites (nem precisa mais de cabos submarinos, em breve assim se possa recorrer a uma situação emergencial as fibras óticas substituindo os cabos submarinos) levando o mundo a um contato rápido e eficiente. Hoje a comunicação cibernética é imponente em termos de rapidez, eficiência e distâncias quase que inatingíveis ao pensamento humano.

E dentro desse contexto que vamos buscar o que entender por artesanato e suas origens. Historicamente a palavra artesanato vem surgir num instante que a produção de utensílios úteis ao homem passou a ser de quantidades massivas. Necessidade de se produzir em quantidades maiores para atender o consumo de uma população que cresce geométrica mente. Com o anterior mente as atividades eram essencialmente e anuais aqueles homens, aquele conjunto de pessoas que se reuniu para produzir determinados bens, recebiam o título de artesão. Então a palavra artesanato vem do artesão e era a arte mais alta. Isto é, preparar alguma coisa com as mãos. Então o artesanato passou a designar essencialmente o próprio trabalho manual, isto é, a produção de um artesão. O artesão é identificado com o aquele que põem no mercado os objetos pertinentes à chamada cultura popular. Pode-se concluir que o sentimento moderno e atual do artesão e do seu fazer o artesanato se solidifica após a revolução industrial e, mais ainda nas sociedades presentes com o advento da automação. Os sistemas produtivos mudaram de tal maneira que o artesão passou a ser considerado somente aquele que produz os chamados objetos pertencentes à cultura popular.

O artesanato é o resultado da transformação dos sistemas produtivos. Sua produção passou a ser com o hoje um a atividade de caráter quase que familiar, na qual o produtor o artesão possui seus meios e ferramentas sendo próprio o do seu próprio negócio. Trabalha em sua própria casa ou num recanto próprio organizado realizando as etapas de produção desde o preparo da matéria prima até o acabamento final, ou seja, não havendo divisão do trabalho ou especialização na confecção de algum produto.

O artesão consegue transformar elementos da natureza, com o eu citei, na comunicação em contato com a natureza, para que tenham uma resposta à alguma necessidade tanto para o lúdico, para a arte ou para a beleza, com o também para satisfazer as determinadas necessidades básicas. Por exemplo o barro para produzir as primeiras vasilhas para alimentação ou para sepultar os defuntos os conhecidos urnas funerárias. Primeiro o barro permanece cru e pouco durável e depois sendo cozido e até

ter tratamento refratário proporcionado melhores resultados. As areias coloridas, as paisagens, as fibras... A nossa riqueza natural está espalhada de tal maneira que cada planta de um determinado ambiente o artesão sobre ela vai trabalhar e vai transformá-la em produtos úteis. Estima-se que os primeiros objetos produzidos pelo homem, mãos que fiam tecem, que laboram, talvez tenham surgido aos 100 mil anos antes de Cristo. Ao se pegar o antigo testamento da Bíblia, como, também, no novo Testamento, encontraremos várias referências ao artesão, aquele que estava preparando um tecido num tear manual. Olhar para o nosso índio na produção da farinha de mandioca ou na fabricação na canoa de um pau só, a piroga. É todo um contexto bastante antigo, mas que não se perdeu ao longo dos anos. Suas técnicas vêm sendo úteis até hoje.

Especialmente o artesanato hoje nos séculos XX e XXI, é um artesanato que tem não só uma expectativa artística e de satisfação pessoal de quem produz, mas sobre tudo ser um objeto de troca, de valor econômico. O artesão espera entrar no mercado, mesmo dentro de um mercado capitalista ou na atual economia de mercado. São produtos que ele pode oferecer em mercado para dos recursos financeiros adquiridos satisfazer as suas necessidades existenciais.

Vários hoje são os mestres artesãos. Há até uma meta política do Ministério da Cultura no sentido de selecionar, reconhecer, premiar e manter esses mestres, esses mestres artesãos que enriquecem os nossos modos de fazer e de sentir. Então, todo trabalho feito informalmente, hoje pode ser considerado como um artesanato e se seus produtos possam se tornar úteis no atendimento das necessidades e sentimentos humanos.

Há também, evidentemente uma perspectiva universal do artesanato, e dentro do Brasil a diversidade como eu citei a pouco, que além da presença portuguesa em simbiose com a presença dos grupos indígenas, silvícolas brasileiros, criando outras formas de fazer e de sentir, surgem as populações acrescidas por outros grupos étnicos. No caso do Sul do Brasil, e particularmente na Ilha de Santa Catarina que começou a ser povoada por espanhóis e depois aportam um ciclo da presença dos portugueses açorianos; os africanos e para o interior os imigrantes alemães, depois italianos, poloneses, os japoneses, os sírios libaneses, os eslavos e outras minorias. Foi todo um contexto de transferência de pessoas de outros continentes que ao chegarem ao Brasil produziram formas particulares de cultura. Vejam a beleza da cultura ucraniana em Santa Catarina.

Todos os produtos ucranianos são peças artesanais lindíssimas de acabamento. Há o trabalho com cristal na região de Blumenau onde praticamente quase todas as peças são trabalhadas à mão uma por uma. Certo que existe também a produção em escala, produção automatizada, mas as principais peças e mais valiosas peças são produzidas pela mão do artesão que com seus dedos e habilidades formata peça por peça.



Há toda uma realidade mosaica e interessante dentro dessa visão nacional do artesanato. Estima-se que hoje no Brasil cerca de 8 milhões de pessoas se dedicam ao artesanato, ao trabalho com as mãos. Este é um número bastante expressivo. E dentro deste universo de produção quase que perto de 70% seja representado pela mão de obra feminina, pela mão das mulheres. Aos homens restariam 30% na geração dos produtos que vão ao mercado. Como exemplo catarinense apresento as famosas rendas de bilro ou renda de almofadas. As rendas produzidas no Ceará diferem um pouco de forma e funções em relação as de Santa Catarina muito embora tenham praticamente a mesma gênese. O que quero destacar é que essas rendas são produzidas exclusivamente por mulheres. Na atualidade surge alguma mão de obra masculina nessa produção artesanal. Já a cestaria, a cerâmica utilitária e a produção de objetos e utensílios para a pesca – tarrafas, redes, puçás, jererê, etc., resultam da mão de um artesão do sexo masculino. Em Pernambuco tem as famosas carrancas. No rio São Francisco, parte baiana encontramos, uma riqueza de outras formas de carrancas.

Quem vê uma toalha de tramóia, aqui eu mostro uma toalha de banquete, uma toalha da técnica denominada de tramóia. É uma coisa riquíssima em termos de arte e de valor.

Então depois o artesanato entrou numa linha, que é a linha de compra feita por elites que estão usando esses produtos como decorações em suas casas, afora o aporte dos grandes fluxos de turistas, vez que o turismo é uma grande atividade econômica da atualidade. Dentro dos fluxos turísticos e da crescente presença de turistas das variadas origens culturais aumenta a pressão da procura de produtos artesanais identificadores das respectivas regiões. O mercado cria



espaços especiais para o artesanato e para as atividades dos artesãos. Por exemplo, lá em Florianópolis possuímos centros de comercialização de produtos artesanais em várias localidades. Bem no centro da cidade junto ao Mercado Municipal, alias como é freqüente em muitas outras partes de nosso país, há uma excelente loja de artesanato que além da venda há demonstração de produção.

Possuem os artesãos uma associação de proteção, defesa e circulação de produtos artesanais. Editam, inclusive, um jornal específico e de circulação semanal. Trata-se de um local com elevada presença de turistas.

Por outro lado, tanto o Ministério da Indústria e do Comércio, setores correspondentes procuram levar o artesanato brasileiro para uma relação internacional de produtos exportáveis. Pelo lado do Ministério da Cultura constam vários projetos que possibilitam a divulgação de todo o artesanato brasileiro criando, por outro lado, possibilidades de comercialização nos principais centros do mundo dos negócios. São ações desenvolvidas de forma a promover, de forma integrada e sincronizada, a

dimensão econômica do artesanato. Espera-se que esse mercado internacional venha a crescer ainda fortemente.

Veja que aqui nesse meu discorrer eu desenvolvi para vocês, não só um conceito histórico, como também um conceito econômico do artesanato tendo presente de que ele é um modo de fazer próprio de cada comunidade. Reforço que hoje é uma atividade econômica fundamental nas sociedades e comunidades populares. Há também um conceito antropológico que é um conceito mais sofisticado, composto por cientistas que criam epistemologia específica para a questão do folclore, do artesanato. E quando se olha o contexto de todo o artesanato, e em todas as regiões do mundo percebe-se que cada região tem um conjunto próprio de objetos artesanais, que podem ser parecidos um com os outros, mas quando observados com mais cuidado descobre-se que eles possuem características específicas na formatação, na cor, no material utilizado e até nas funções a que respondem. Se o Brasil está dividido em cinco Grandes Regiões é de se constatar que uma delas não só oferecem peculiaridades próprias como dentro delas ocorrem várias sub áreas com artesanato específico e identificador de suas várias culturas.

Na realidade catarinense costumamos dividir os espaços culturais pelo menos de acordo com as etnias básicas concentradas em cada região. Santa Catarina passou por um processo colonizatório empreendido em épocas diferente e defasado de 100 em 100 anos umas das outras. Por isso, permitiram que as comunidades que se aparecessem em determinados espaços geográficos ficassem um pouco uniforme, como, por exemplo, os alemães na região do Vale do Itajaí, os açorianos no litoral, os italianos mais ao sul e ao centro-oeste, os poloneses e ucranianos mais a região norte e etc. Então vemos regiões específicas em Santa Catarina onde cada artesanato vai identificar suas origens. E, assim nos parece crer, que o mesmo ocorre com o território brasileiro. Por isso, o artesanato do Norte, do do Nordeste, ou do Centro-oeste, da região Sul, enfim da região Sudeste. Os grupos indígenas, os negros e os afro brasileiros, europeus e orientais fazem aparecer produtos artesanais que identificam cada uma dessas origens. As características de cada um desses aglomerados apresentam riquíssimo artesanato. Sintetizando entendemos que o artesanato é o melhor indicador da identidade de um povo.

Seria agora interessante abordamos tipos de artesanato em relação aos materiais utilizados e suas funções. Entendo como função aquilo a que responde seu uso; para que ele vai servir; a que ele vai atender. Se eu tenho uma vasilha de cerâmica, ou uma vasilha de pedra, vasilha de vidro, ... que tipos de destino e que utilidades vão atender. Há um tipo de rede para cada variedade de pescado ou molusco.

Quando tratamos dos trançados, dos balaio, das redes, das rendas, dos crivos, dos bonecos, dos balangandãs, dos chapéus, dos brincos, etc, etc, Assim, nos deparamos com um considerável elenco de funções. Há atrás de tudo uma gratificação.

As peças de artesanato são estratificadas para estudos e divulgação segundo os materiais aos quais o artesão recolhe. Por isso, teremos os campos: *cerâmica, escultura e entalhes; vidros e cristais, fibras naturais, fibras sintéticas, fios como algodão, lã, sisal, bananeira, piteira, baraços e cipós, rendas e bordados, trançados e bordados, rochas e metais, madeiras, folhas, flores e cascas e cestaria.*

Tradicionalmente se começa pela cerâmica. Não se tem a preocupação de estabelecer uma cronologia de tempo porque é possível que antes da cerâmica o homem já tivesse desenvolvendo manual e criativamente algumas peças importantes como peças de defesa, peças de caça para ter comida e de abate de animais, de pesca, e a cerâmica venha surgir num outro momento. Esta é uma classificação para estudos e com a preocupação de se possuir um referencial teórico.

Vejamos alguns detalhes dessa classificação.

Cerâmica: Trabalha-se com areia e argila. Molda-se com as mãos ou com uso de tornos. Basicamente areia e argila são comumente chamados de barro. É uma denominação popular. Também não é qualquer argila que serve para a cerâmica. Algumas se adaptam melhor ao bem que se deseja. Ademais há a coloração que proporciona imagens diferentes e usos também diferentes, etc, etc.



Entalhes em madeira

Segundo tipo: as esculturas e entalhes. É como pegar não só o barro como outros materiais sólidos, como mais frequentemente a madeira, ou o osso, os chifres, e outros materiais e trabalhar com o cinzel, com as pás, com os dedos, com as ferramentas de corte como formão, enxó, talhadeira etc. Burilar e dar forma ao que se deseja ou que a criatividade do artesão conceber. Hoje o

mercado oferece diversas máquinas elétricas capazes de facilitar determinados cortes e acabamentos tanto no barro como na madeira produzindo peças artísticas muito interessante em questão das esculturas e dos entalhes.

Trabalhar com vidros é uma tecnologia bastante antiga. A própria fórmula para a produção do vidro é milenar e modulá-lo determinando figuras e formas co vidro exige um trabalho artesanal esmerado. O cristal resulta do uso de determinadas matérias primas compondo uma mistura semelhante ao vidro e o trabalhar com ele, que é mais transparente e mais flexível, requer ainda mais



Vidros

Cristais

habilidades do artesão. Acompanhar um artesão a produzir formas, figuras, desenhos e utensílios com o cristal encanta e cativa o observador.



Fibras vegetais

Fibras naturais. Esse é um elemento fantástico e que a natureza nos oferece com uma variada e rica forma de fibras típicas de cada região como sisal, no nordeste, a fibra da casca do coco, ou o algodão, o linho, o cânhamo, a taboa, as folhas diversas, a bananeira, etc. São tantas as fibras naturais que

sugerem ao homem ir pegando-as e utilizando cada

fibra para transformá-la em objetos úteis. É com relação as fibras que se produzem um maior elenco de utensílios de grande utilidade para a vida humana e para os afazeres diários.

Hoje além das fibras naturais aparecem as fibras sintéticas, esse fios chamados de nylon, fios plásticos, são produtos sintéticos e não só são usados como linhas, mas também na confecção das redes de pesca, tarrafas, linhas de pesca artefatos que antes eram feitos com fibras vegetais e que hoje praticamente só se usam essas fibras sintéticas.



produzidas por conchas, em Santa Catarina, ou pelo menos no seu litoral, são peças de beleza e criatividade artísticas fantásticas.

As rendas e bordados, como citei anteriormente, em sua produção se ajustam ao trabalho feminino, contudo, hoje encontramos alguns homens que se dedicando a esse mister. Durante muitos anos a renda e os bordados foram o grande atrativo na produção de vestimentas femininas de alto estilo e gala,



Então esses fios, repetimos, como o algodão, a lã, sisal, bananeira, piteira, baraços ou cipós, as escamas de peixe incluindo-as dentro desse item, e olha que existem obras de grande resultados artísticos tanto no valor como na impressionante beleza. Além das linhas registro um especial espaço para referir a tudo o que seja feito com escama de peixe por algo bastante singular e pouco encontrado em todo o Brasil.

As conchas marinhas. As peças



especialmente pela beleza e leveza de suas formas. Hoje voltam a ser, as rendeiras de SC, foco de atração pelo fato de serem especialistas em produzir peças para incrementar vestidos de gala e importantes. A questão do bordado em São Paulo e Minas onde até cidades inteiras se dedicam a essa nobre produção artesanal, têm

funcionado como um viés econômico e onde as mulheres, obtêm renda e elogiosa referência graças a eficiente e bela técnica. Várias são as empresas que organizadas exercem uma função mercadológica desses produtos.



Os trançados, geralmente as cestas, os balaio, as cordas, as redes de palhas que ocupam lugar de destaque em todo o artesanato brasileiro e variando de estilo e materiais utilizados como são encontrados em cada uma dessas regiões.

No campo das rochas e dos metais, o Brasil é riquíssimo em termos de aproveitar as rochas e de as lapidar, e preparar proporcionando “n” formas de utilização e apresentação. Tais peças obedecem a diversificadas funções. Os criativos artistas montam verdadeiros monumentos com ferro velho, peças usadas de veículos e outras sucatas que se apresentam com contexto impressionante de arte.



As madeiras, as folhas das florestas, os vegetais em si, a palha do milho, proporcionam a confecção de peças impressionantemente lindas. O miolo da figueira, com uma alvissima branca e maciez (quando eu falo em miolo de figueira me refiro ao caule da árvore que dá o como figo comestível como seu fruto), é sendo apto ao trabalho artesanalmente na confecção de flores e outras configurações artísticas.

As cantarias, que são peças de pedra e trabalhadas artesanalmente para serem úteis na construção de casas e edifícios. As pessoas que trabalham com a cantaria são chamados de cantareiros ou canteiros. Vejam que durante a colonização do Brasil, um momento histórico sobre os portugueses quando construíam edifícios, fortalezas, igrejas, portalados e frontões. Essas portas e frontões eram todos eles produzidos em pedra, pedras trabalhadas, cantarias, os arcos. Não havia concreto, certos arcos eram necessários para sustentar os tetos e abóbodas, com arcos de pedras que deveriam sustentar os vãos maiores. Como a tecnologia construtiva não recorre mais aos portalados de pedra essa atividade do cantareiro se enquadra como uma prática artesanal.



Então esse elenco todo pode ser muito bem aproveitado especialmente nas escolas nas aulas de educação artística. Esse contexto de materiais colocado à disposição dos jovens e dos educandos oportuniza a criatividade na busca de respostas para a criação e a inventividade. É um aprendizado que eles aos poucos exercitam enriquecendo a sua capacidade criativa, pois, não se trata apenas de fazer cópia, mas de gerar coisas diferentes. O esforço humano é muito eficiente quando ele está animado pela impulsão artística e criativa, e resulta em sensibilidade e imaginação e assim vai produzindo muitas coisas a partir de um determinado recurso natural que ele dispõe em suas mãos.

Como eu sintetizei, o Brasil é muito rico e distribuído nas regiões Norte, Nordeste, Centro-Oeste, Leste e Sul, essas regiões e cada uma região dessa podem ter um retrato da sua qualidade cultural através das peças artesanais que oferece. Como o Brasil é um país muito diversificado nós que estudamos, não podemos estar querendo entender profundamente de todas as manifestações artísticas, através do artesanato em todas as regiões de nosso país. Por isso, talvez, nós estudiosos nos debruçamos sobre uma determinada área geográfica, sobre um determinado viés, sobre aquilo que é da cerâmica, sobre aquilo que é das rendas e bordados ou, também, em direção a um tema mais genérico. Normalmente quando se estuda o artesanato nós nos concentramos mais sobre espaços geográficos e dentro daquele espaço geográfico aprofundar o conhecimento sobre daquela realidades.

Como para falar de todo o artesanato brasileiro como um fecho desta nossa conversa ficaria um pouco difícil para mim, também muito amplo, pretendo falar um pouquinho sobre o artesanato em Santa Catarina. Exemplificar algumas realidades catarinenses, algumas já referenciadas, mas, agora aqui desejo nesse momento do artesanato em Santa Catarina tecer detalhes acerca de cada uma das regiões de colonização alemã, de tiroleses, dos austríacos, dos italianos, dos açorianos, dos japoneses, dos libaneses, dos gregos, dos afro-brasileiros, e algum resquício da influência hispânica, não só porque inicialmente a gente teve todo o litoral ocupado pela Espanha, pelo menos até 1680, mas também, pela proximidade que nós temos com países como a Argentina e do Uruguai e ainda estendido um pouco para Paraguai e Bolívia.



Vamos através da apresentação de imagens sobre o artesanato catarinense oferecer outras análises, e também, tecer algumas considerações acerca do artesanato nas escolas....

Obs. A partir desse momento a palestra caminhou pelo improviso e pelos interesses não resultando um texto escrito.

ASSOMBRAÇÕES DA MITOLOGIA MINEIRA

Por Sebastião Breguez¹, especial para o merconews

As assombrações tomam contam do povo mineiro no 31 de outubro (Dia Nacional do Saci Pererê e nos EUA o dia das bruxas ou Halloween) até ao dia dois de novembro, dia dos mortos. Na verdade, são épocas em que o imaginário popular revela suas lendas e mitos que sobrevivem na era cibernética onde o pensamento racional e científico diz ser a forma civilizada de pensar, sentir e agir. Ancorados em arquétipos antigos, que sobrevivem e se transmitem através dos séculos, os mitos vivem e revivem na imaginação criativa dos povos desenvolvidos ou não. Estão presentes em todas as classes sociais e todas as sociedades. Os mitos não são só a cultura dos povos primitivos, mas também a dos povos do século XXI.

Em Minas Gerais, de Belo Horizonte ao sertão, as assombrações, mitos ou lendas estão presente na memória do povo. Representam o jeitinho brasileiro de comunicação e expressão de idéias, fatos e acontecimentos em que predomina a malícia, a gozação, o riso, a irreverência ou o deboche. Em forma de lendas ou mitos, estas assombrações expressam pavor, horror, medo, alegria, euforia ou tristeza. Mas são formas de comunicação e expressão dentro do universo folkcomunicação mineiro. Fazem parte dos traços da mineiridade. Passam de gerações a gerações através da comunicação oral e pela proximidade de pais e filhos através dos tempos e da convivalidade social.

Em Minas Gerais, o halloween foi introduzido pelos cursinhos de inglês que chegam a decorar ricamente seus espaços para chamar novos alunos e mostrar um aspecto do imaginário da cultura norte-americano.

Há uma competitividade muito grande entre os cursos de inglês: cada um quer chamar mais a atenção pela suntuosidade da decoração. Portanto, é uma ação mais folk-mercadológica do que ideológica.

Enquanto nos EUA o povo comemora o halloween, em Minas predominam as assombrações genuinamente mineiras são, em sua maioria, de mortos vagando por ruas e estradas, arrastando correntes em casarões ou de aparições do capeta. Já o halloween é o Dia das Bruxas dos norte-americanos, comemorado em 31 de outubro mais como uma festa infantil. No Brasil é o Dia Nacional do Saci Pererê que é muito apreciado pelas crianças que revivem suas aventuras a partir das escolas de 1º Grau sejam estaduais, municipais ou particulares. Graças aos trabalhos pedagógicos das professoras primárias, houve um revigoramento das nossas tradições populares. Elas são as novas agentes de difusão e fortalecimento da cultura nacional. Mas a origem dos mitos e lendas é antiga, com raízes também em assombrações saídas de cemitérios em noites sombrias. O que assusta mais, a Loura do Bonfim. Uma procissão de almas penadas na sexta-feira da Paixão ou uma abóbora escavada, pintada e iluminada por velas, como reza a

¹ O articulista é Presidente da Comissão Mineira de Folclore. Remeteu-nos este artigo e como o entendemos muito próximo os seus registros com o imaginário popular catarinense resolvemos, incluí-lo neste nosso Boletim. Muito obrigado caro Professor Breguez

tradição norte-americana? Para quem já sentiu calafrios com as histórias contadas pelos avós, não há dúvida de que as lendas mineiras são de arrepiar os cabelos. E cada cidade tem sua coleção de lendas. As históricas, então nem se fala. Vem dos tempos em que as pessoas não tinham tanta diversão à noite e era com um reunir a família e amigos ao redor do fogão para contar “causos”. Só em Sabará, tem os 291 lendas urbanas, sem falar de Ouro Preto, São João del Rei, Congonhas do Campo, Mariana, Serra, Santa Luzia ou outras cidades antigas. Veja abaixo al guns dos novos elementos da mitologia mineira no século XXI.

O ET de Varganha

O ET de Varganha é com o ficou conhecido a aparição de extraterrestre, de discos voadores e captura de criaturas extraterrestres no dia 20 de janeiro de 1996, na cidade de Varganha, sul do Estado de Minas Gerais, conhecida com o centro da região produtora de café. Segundo um atestado em unhas autoridades brasileiras já sabiam antecederam ente através da NORAD (Comando de Defesa Aeroespacial da América do Norte) que um OVNI iria invadir o espaço aéreo brasileiro (9 dias antes do incidente de Varganha) e que sobrevoaria a região do sudeste de Minas Gerais. Os programas de televisão foram montados com base nas entrevistas locais pelos jornalistas e não apresentaram provas físicas. Através da emissão pela TV fez a cidade de Varganha ficar conhecida mundialmente com o a Terra do ET, o que atrai até hoje um grande número elevado de turistas.

As almas da Rua São Paulo

O primeiro cemitério de BH ainda dos tempos de arraial, era na esquina das ruas São Paulo e Tambores e Avenida Anazonas, ao lado de sua primeira igreja, a capela de Nossa Senhora do Rosário no Centro. No início dos anos 1920, precisou-se do terreno para a construção do Cemitério Santo Antônio. As túmulas foram reviradas e os ossos removidos. Os mortos não gostaram. Revoltaram-se e durante muito tempo assombravam quem passava pela esquina, principalmente à noite. As rezas e novenas na capelinha de 1897 os acalmaram, mas há quem ainda evita passar por lá à noite.

O capeta da Marinho

No anos 1980, um rapaz bonito, bem vestido e de chapéu frequentava os bailões da Avenida Marinho no Bairro de Venda Nova, Região Norte de BH. Apresentou-se com o Alex. Era exímio dançarino e encantava as moças com sua elegância. Os rapazes do lugar se corrdam de ciúme com o sucesso do forasteiro. Um a noite, por um descuido, o chapéu caiu deixando à mostra um pequeno par de chifres. As moças gritaram e os rapazes correram atrás do estranho, a fim de sorrá-lo. E tinha os pés para trás e desapareceu num a nuvem de fumaça.

A loura do Bonfim

Boêmios das décadas de 1950 e 1960 que vagavam pelas m adrugadas da antiga Lagoinha, Região Noroeste de BH falavam de uma loura glamourosa, sedutora, tão bém frequentadora da noite. Quando ela voltava para casa, de carona ou de táxi, descia na Rua Bonfim, em frente ao cemitério nam esse região e desaparecia entre os túmulos. Qualquer loura sentada sozinha em um botequim causava arrepios. A lenda ganhou força no programa O Povo na TV, veiculado pela TV Aterosa na década de

1980. A produção contratou um a jovem loura e a filmou atravessando a Rua Bonfim, à noite, de roupas brancas esvoaçantes. As cenas, propositadamente meio difusas, causaram impacto e elevaram a audiência do programa.

A noiva do Camo

A Igreja de Nossa Senhora do Camo, construção do século 18, em Sabará, Grande BH, fica em frente ao Cemitério do Camo, onde são sepultados muitos de um a ordem religiosa católica. Um a tarde, um a bonita moça loura, de olhos azuis, casava-se na igreja, no século passado e, ainda no altar, sentiu-se mal e caiu morta. Num a madrugada, um operário do turno da noite da antiga Companhia Siderúrgica Belgo-Mineira voltava do trabalho e viu um a loura vestida de noiva na porta da igreja. Puxou conversa. A loura, então, disse que precisava ir em casa trocar de roupa e entrou no cemitério. O homem, apavorado, saiu gritando. Os vizinhos o acudiram e foram ao cemitério verificar a história. Acharam o vestido de noiva sobre um túmulo.

Procição das almas

Quase todas as ciadas históricas têm relatos de procissão das almas na quaresma. A da tricentenária Sabará, para quem tem o poder de ver os mortos, passa pela Rua Dom Pedro II. Lá, da janela de um a casinha do século 18, dona Sinhá ficava procurando mortos para fuxicar. E à meia-noite de sexta-feira da Páscoa ela viu subir a ladeira um grupo de pessoas vestidas de branco e apenas um a de preto à frente do cortejo com um a vela nas mãos. Ao passar pela janela, ele deu a vela a Sinhá e disse: "Não a apague. Virem os buscal-a no sábado de Aleluia". A velha, muito curiosa, pôs a vela sobre a mesa e a apagou. No outro dia, havia o osso de um a perna humana no lugar. No sábado, mesmo apavorada, esperou a procissão passar para entregar o osso ao homem que puxava o cortejo. Ele o recebeu e disse: "Esta foi a primeira e última vez que a senhora nos viu da janela". Sinhá morreu três meses depois e dizem que na quaresma seguinte ela estava ela, engrossando a procissão.

Amulher do algodão

As meninas mais levadas da Escola Estadual Paula Rocha, na Praça Melo Viana, em Sabará, gostam de experimentar o medo. Contam que, no século passado, um a professora, atropelada por um tran no distrito sabarense de Roça Grande, prometeu antes de morrer que voltaria para assombrar as estudantes com fama de bagunceiras. Aparecia para as garotas no banheiro feminino com roupas brancas, um pano usado sobre a cabeça e o algodão nos ouvidos ensanguentados. As alunas que não conseguem vê-la a provocam. "Dizem que apertando a descarga três vezes, gritando e xingando palavras, ela aparece. Eu tentei e nunca vi", diz Stephani e Fernanda Matos, de 16 anos, ex-aluna da escola. A história também assombrou e despertou a curiosidade de meninas de várias escolas do estado.

Amulher da Rua Direita

Durante anos, moradores e turistas viram à noite, nas ruas da histórica e tricentenária Mariana, na Região Central do estado, principalmente na Rua Direita, um a mulher em roupas esfarrapadas. Quando se aproximam, ela se transforma em um a dan a

elegante, de roupas finas e cobertas de joias. Os relatos, de acordo com os folcloristas, a apontam com a alma de uma das ricas senhoras dos tempos da corrida do ouro. Dizem que, de vez em quando, ela ainda aparece como uma mortal andarilha.

Fantasma do inconfidente

Foi na Casa dos Contos em Ouro Preto, na Região Central do estado, antigo local de pesagem e fundição de ouro, que o poeta Cláudio Manoel da Costa morreu. Era um dos inconfidentes mais influentes e há dúvida se ele se suicidou ou se foi assassinado pelas forças da coroa portuguesa. Reza a lenda que, nas madrugadas, Cláudio Manoel ainda frequenta o casarão, hoje centro de cultura mantido pelo Ministério da Fazenda. De acordo com Carlos Felipe, há quem jure que o viu andando sobre o assoalho recitando seus poemas.

A mulher de sete metros

Há moradores dos bairros Major Prates e Morada do Parque, em Montes Claros, Norte de Minas, que evitam cruzar o vizinho parque municipal à noite. É por medo da mulher de sete metros de altura que, segundo contam folcloristas, já foi vista entre os jardins. Ninguém consegue outra explicação para a estranha figura, cuja fama se espalhou pela cidade, a não ser que se trata de uma alma de outro mundo

A FORÇA ECONÔMICA DO FOLCLORE

Por Sebastião Breguez, Especial para o DCI e Panorama Brasil

O mês de agosto é comemorado no mundo inteiro como o mês do Folclore, das tradições populares e das culturas regionais. A UNESCO, organização da ONU para assuntos de Educação e Cultura, situada em Paris, instituiu esta comemoração nos anos 1940 para impedir a destruição de culturas locais pelo processo de expansão industrial do mundo desenvolvido.

Mas nem só de comemorações vive a cultura popular: o Folclore tem se transformado em importante item de fonte de lucro e renda para as comunidades regionais, provocando impacto nas pequenas economias das cidades onde existem manifestações importantes. A festa do Boi-Bumbá, em Parintins (AM) é o exemplo mais importante: ela movimentou cerca de R\$10 milhões nos seis a oito dias de festejos, entre junho e julho de cada ano. A festa do peão boiadeiro de Barretos (SP) tem investimentos de R\$8 milhões para um lucro de R\$15 milhões.

Se pensarmos que existem, em todo o País, 1,3 mil festas cadastradas pelos órgãos de turismo, o lucro estimado delas é calculado em US\$3 bilhões. Estes dados já nos mostram a força econômica do Folclore que reanima as pequenas economias de localidades sem atividade econômica de peso tanto na indústria quanto no comércio. Quando se fala de investimento econômico na área da cultura no Brasil, pensa-se logo

no Carnaval que sozinho já movimentava cerca de R\$2 bilhões por ano, sendo que metade desta cifra fica no Rio de Janeiro.

Mas o crescimento de atividades econômicas intimamente às manifestações culturais populares também se deve ao crescimento urbano, a migração para as grandes cidades e a importância da mídia na vida das pessoas. Isto mostra o impacto que a TV como mídia teve na transformação das pessoas nos últimos anos, criando novos valores de consumo e mudando o comportamento das pessoas com relação à cultura. É interessante observar que, no Brasil, a globalização não destruiu as culturas regionais. Mas, ao contrário, provocou um fenômeno inverso de revitalização do tradicional, da busca da natureza, das festas do interior e do consumo de manifestações populares antes desprezadas.

Bem entendido com o apoio da mídia televisiva e o patrocínio de grandes empresas. O que fez com que, por exemplo, a Coca-Cola, uma empresa multinacional, comprasse a ideia da festa do Boi-Bumbá, de Parintins (AM) e associasse sua marca à festa. As duas agremiações de bois, a do Caprichoso e do Garantido, recebem patrocínio de R\$800 mil cada para incrementar o duelo. Assim, cada apresentação destes grupos tem custo de R\$3 milhões, o que é uma cifra importante se olharmos a renda da população de Parintins fora da época da festa. O guaraná Kuaat, da Coca-Cola teve sua imagem fortalecida e associada à festa de Parintins, para ser consumido como produto original da Amazônia. Também tem patrocínio a festa outras empresas como o Banco Bradesco, a Amazônia Celular, a Souza Cruz e outras.

Dessa forma, a festa movimentou o pequeno comércio, a área de alimentação, hotelaria, artesanato, construção civil, agências de viagens e turismo. A cidade mudou em função da manifestação folclórica local. Ganhou celebridade nacional e até mesmo internacional, pois, há grande afluxo de turistas de outros países que querem conhecer mais a Amazônia e seus atrativos. Isto vem mostrar que o Folclore não é somente o tradicional e o resíduo do ultrapassado que ainda sobrevive na sociedade moderna em função da transição forte do rural ao urbano dos países do Terceiro Mundo.

Há uma forte busca de consumo de valores rurais, produtos da roça, comidas típicas e a vida mais natural. Isto se transforma em valores de consumo que mudam o ritmo da vida interiorana, aquecendo as economias e as culturas locais.

O autor é jornalista, professor universitário e pesquisador de Folclore

FLORIPA

José Augusto Alves Rodrigues

Florianópolis, antes Desterro, e antes ainda, Nossa Senhora do Desterro. Mania, que esse povo de fora tem, de mudar o nome dos lugares!

Tão bom, Desterro! Não, mas precisa mudar porque, senão, parece que somos desterrados. E daí? Somos desterrados mesmo; só que em um paraíso. Mas os "mudadores" persistem.

Quando eu era guri, era da turma da Rua Uruguai. Já naquele tempo a Rua tinha seu nome mudado para Hermann Blumenau. Mas nós nunca trocamos o nome. Até hoje somos da turma da Rua Uruguai, e promovemos encontros saudosistas.

Depois veio a Avenida Tico-tico. Na esquina com a Mauro Ramos se situava uma Associação de Motoristas. Certo dia, morreu tragicamente um motorista de carro de praça, e, em sua homenagem, mudaram o nome do logradouro para Rua Clemente Rovere. Nada contra o Sr. Clemente, mas dá uma saudade da Avenida Tico-tico...

Sempre me chamou a atenção aquele acidente geográfico, logo que a gente chega nos Coqueiros: o Saco da Lama. Aí, como era muito feio, resolveram aterrâ-lo e construir uma praça no seu lugar. Foi uma boa idéia, concordo. Mas, fica a saudade do Saco da Lama.

E, por falar em saco, acabaram com o Saco Grande. Mudaram o nome para João Paulo. De início, pensei que era por causa do papa, mas vim saber depois que o tal João Paulo era um morador antigo daquele bairro, que houve muita controvérsia a respeito de homenageá-lo, metade dos moradores era contra. Mas, pra quê? Tão bom o antigo nome!

Não; mas era muito obsceno. Imagine; ainda mais sabendo que o bairro era dividido em duas partes: o Saco Grande de Dentro e o Saco Grande de Fora.

Lá em Niterói, há um lugar semelhante que se chama Saco do São Francisco. Ninguém se escandaliza, ninguém quer trocar o nome. Deve ser porque o saco é de santo e, portanto, sagrado.

No Rio Grande do Sul, há uma cidade que se chama Não-me-toques. Não-me-toques é a denominação de uma plantinha abundante no local, que, quando se toca nela, ela fecha suas folhas. Um dia, a Câmara de Vereadores aprovou a mudança do nome. Nem me lembro do novo nome; algo como Campo Florido, ou mais fresco ainda. A população se revoltou. Como tirar a nossa identidade! Fizeram um plebiscito, e a cidade votou a se chamar Não-me-toques.

Meu pai nasceu na Enseada de Brito. Agora estão querendo mudar o nome do lugar para Enseada do Brito. Mas sempre foi Enseada DE Brito; é sua tradicional denominação. E vai continuar sendo.

Outro dia, tinha alguém querendo mudar o nome da praia para Canavieiras, porque Canasvieiras estava errado. Outro queria chamar nossa tradição de Boi Mamão; porque Boi de Mamão não existe.

Ainda bem que nenhuma das duas colou.

Agora, a pérola mesmo é a do Abraão. A Prefeitura de Florianópolis estava mudando o nome do local para Abraão. Ou era uma homenagem ao personagem bíblico – não sei por quê –, ou porque abraão não existe. Sabendo disso, nosso conterrâneo Nereu do Valle Pereira, PhD em História e autor de várias publicações sobre nossa cidade, foi conversar com a então prefeita – que, aliás não é daqui –, explicando que não se deveria fazer aquilo. Um Parêntesis; (para quem não sabe, abraão existe sim. Vejam o que encontrei no dicionário Houaiss:

- abra: GEO MAR – pequena enseada no mar ou em rios, própria para abrigar embarcações.) Fecho o parêntesis.

Ora; quem conhece a região sabe que ali se forma uma grande abra, antigamente repleta de berbigão, que os antigos resolveram chamar de Abrão.

Mas a prefeita deve ter pensado: “o que é que esse manezinho, nascido nos Canudinhos, vem querer me ensinar”.

Sabem o que ela respondeu?

– “É, mas agora já resolvemos mudar e vai ficar assim.”

Dá uma tristeza quando vejo um ônibus passar, estampando na testa: ABRAÃO. Não sou tradicionalista convicto, nem conservador. Mas convenhamos: pra quê?

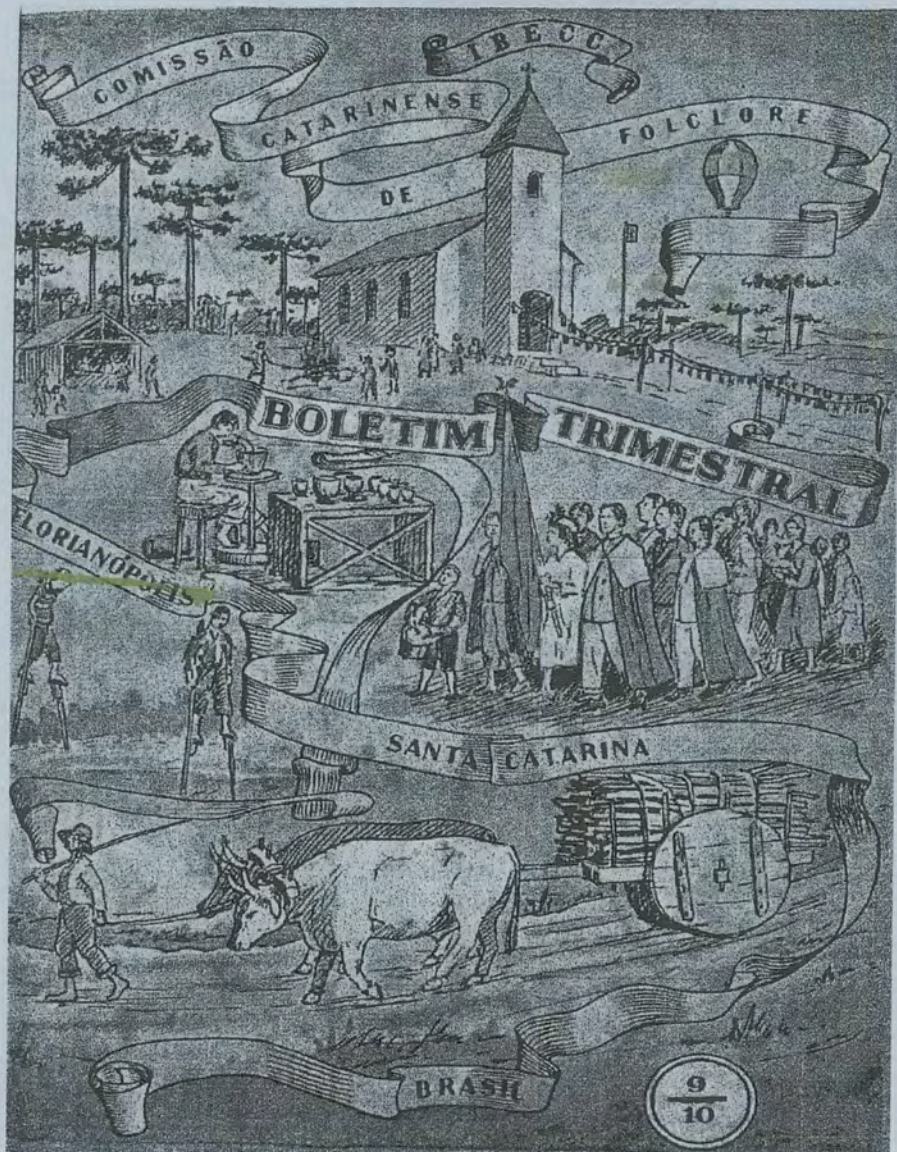
O que precisava mudar, ninguém muda: o nome de nossa cidade. Uma homenagem a Floriano Peixoto... Todos sabem o que ele fez por nossa cidade. Não tenho a estatística, mas garanto que nem 10% da população aprovam.

Vamos voltar ao antigo nome: **Desterro**? – Sempre fui fã da “Philarmônica Desterrense”. Ou vamos chamar nossa cidade pelo nome que já está se cristalizando no meio manezístico: **Floripa**.

A escolha é sua.

Assina: Zeca do Brasil – mas, *antes de mais nada*, Manezinho da Ilha.

A seguir estaremos divulgando, por reprodução, algumas páginas do Boletim da Comissão Catarinense de Folclore Ano III, setembro e dezembro de 1951. N.º 9 e 10



**COMISSÃO CATARINENSE
DE FOLCLORE**

Florianópolis - Sta. Catarina
Brasil

BOLETIM TRIMESTRAL

Redação:

Oswaldo R. Cabral — Diretor
Walter F. Piazza — Redator

Enderço:

Rua Esteves Júnior, 138

—o—

C A P A

Desenho de Malinverni Filho
Letras de José Fernandes
Aquarela de W. Ráo
Tricromia da Livraria do
Globo, de Pôrto Alegre

T E X T O

Trabalho gráfico da
IMPrensa OFICIAL DE
SANTA CATARINA
Direção de Manoel de Paes
Faria

Títulos de Péricles Silva
Clicherie de Doralécio Soares

T I R A G E M
MIL EXEMPLARES

Distribuição Gratuita

Aparece nos meses de
Março,

Junho,
Setembro e
Dezembro.

NÚMERO ESPECIAL
9/10

BOAS FESTAS

**DE
NATAL**

E

FELIZ ANO NOVO

Desejamos

aos nossos

**Confrades, Amigos, Colaboradores
e Leitores**

O BOLETIM TRIMESTRAL

é enviado para todos os Estados do
Brasil e para os seguintes países:

PORTUGAL (Continente,
Açores e Angola).

— **EE. UNIDOS**

— **COLÔMBIA**

— **BOLÍVIA**

— **ARGENTINA**

— **URUGUAI**

— **PERÚ**

— **PÔRTO-RICO**

— **MÉXICO**

— **REP. DOMINICANA**

— **HAITÍ**

— **REP. DO SALVADOR**

— **PARAGUAI**

— **CHILE**

— **FRANÇA**

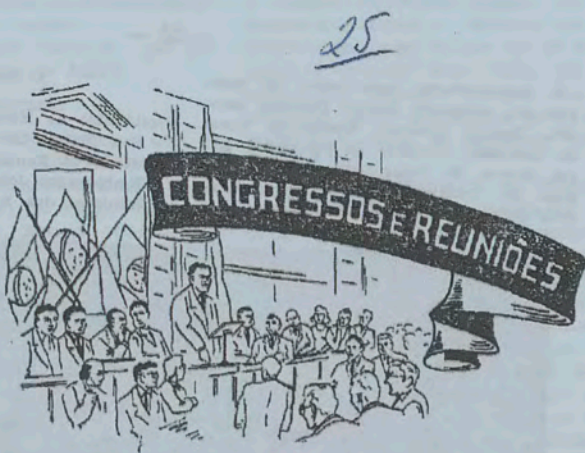
— **ESPAÑA**

— **ALEMANHA**

— **ITÁLIA**

*

Circula em todos os Municípios do
Estado de Santa Catarina



PRIMEIRO CONGRESSO BRASILEIRO DE FOLCLORE



Reuniu-se de 21 a 31 de agosto p. f., na Capital da República, o 1º Congresso Brasileiro de Folclore, que atraiu ao Rio de Janeiro representações de todos os Estados Brasileiros, com exceção de Goiás e Mato Grosso, além de várias figuras proeminentes do folclore português, argentino, paraguáio e colombiano.

Para tomar parte nêsse magno conclave partiram desta Capital, graças ao auxilio que a Comissão Catarinense de Folclore prestou S. Excia. o Sr. Irineu Bornhausen, dd. Governador do Estado, a seguinte delegação: deputado Dr. Oswaldo R. Cabral, Secretário Geral; Professores Custódio F. de Campos, Walter Piazza e Oswaldo Melo Filho, tendo deixado de seguir por não ter obtido a necessária permissão do IBGC, do qual é alto funcionário, o Prof. Almiro Caldeira de Andrade, Sub-Secretário da Comissão. No Rio de Janeiro passaram a integrar a representação catarinense os Srs. Almirante Lucas Alexandre Boiteux e Prof. Vitor Peluso Júnior.

A representação catarinense foi recebida no aeroporto Santos Dumont pelos Srs. Renato Almeida, Secretário Geral da Comissão Nacional do Folclore e Exma. Esposa, dr. Cesar Grillo e Exma. Esposa, D^a. Cecília Meirelles, e jornalistas Tito Carvalho e Moacir Schuttel.

O Congresso

Presidentes de Honra: — SS. Excias. os Srs. Doutor Getúlio D. Vargas, Presidente da República; Embaixador João Neves da Fontoura, Ministro das Relações Exteriores;



Os catarinenses: da esquerda para a direita: Custódio Campos, Osvaldo Melo (filho), Oswaldo R. Cabral e Walter F. Piazza. (No Rio integraram a Representação os Srs. Almirante Lucas A. Boiteux e Dr. Vitor Peluso Júnior)

Durante a sua estadia na Capital da República a representação de Santa Catarina foi alvo de várias homenagens, tendo tido a honra de receber a visita de S. Excia. o Senhor Dr. Luiz Gallotti, Ministro do Supremo Tribunal Federal e ilustre filho do nosso Estado.

A atividade da delegação catarinense foi grande, tendo tomado parte nos trabalhos das Comissões e nas sessões plenárias.

O Secretário Geral, dr. Oswaldo R. Cabral foi escolhido para falar em nome dos congressistas, agradecendo o discurso de saudação dos Srs. Drs. João Neves da Fontoura, Ministro das Relações Exteriores e Leví Carneiro, Presidente do IBECC.

Os discursos vão publicados noutro local.

Parte da delegação Catarinense regressou a esta Capital no dia 29, antes do encerramento do Congresso, tendo ficado no Rio de Janeiro os congressistas Lucas A. Boiteux, Vitor Peluso e Walter Piazza que acompanharam os trabalhos até finalizar a notável reunião.

Dr. Simões Filho, Ministro da Educação e Saúde;
Engenheiro João Carlos Vital, Prefeito do Distrito Federal;
Dr. Leví Carneiro, Presidente do IBECC

Comissão Organizadora: — Presidente — Dr. Renato Almeida; Vice-Presidentes — Drs. Basílio de Magalhães, Gilberto Freyre, Gustavo Barroso, Joaquim Ribeiro, Lindolfo Gomes e Luiz da Câmara Cascudo;
Secretário Geral: D^a. Cecília Meirelles;
Adjunto: — Prof. Nobrega da Cunha
Tesoureiro: — Manoel Diégues Júnior
Membros: — Alceu Maynard Araújo, Fausto Teixeira, Fernando Corrêa de Azevedo, José Calazans, José Maria Melo, Mariza Lira, Pedro Gouvêa Filho, Ruth Guimarães, Veríssimo de Melo, Waldemar de Oliveira e Walter Spalding.

Comissão Executiva: — Renato Almeida, Cecília Meirelles, Diégues Junior e Nobrega da Cunha

Comissão de Exposição: — Presidente, D^a.
Helôisa Alberto Torres;
Membros: Edison Carneiro, José Se-
meão Leal e Diéguas Júnior.

Programa

Dia 21: Sessão Preparatória que se realizou na Biblioteca do Palácio do Itamaraty, sob a presidência do Sr. Levi Carneiro. Na ocasião foi eleito Presidente do Congresso o Sr. Renato Almeida.

À tarde, os membros do Congresso visitaram S.S. Excelsas, os Senhores Ministros da Educação e das Relações Exteriores, tendo-os saudado os Srs. Antonio Vianna (Bahia) e Ayres da Mata Machado Filho (Minas), agradecendo os Srs. Ministros em breves palavras.

À noite, a Rádio Nacional ofereceu aos congressistas um excelente programa de músicas e canções folclóricas, sob a direção de Paulo Tapajoz e no que tomaram parte destacados elementos daquela broadcasting.

Dia 22: Pela manhã foram instalados os grupos de trabalho no Ministério da Educação. No 1º e 2º grupos figurou o congressista Oswaldo Cabral; no 5º e 7º,

o congressista Walter Piazza; no 5º, o congressista Lucas A. Boiteux; no 5º, o congressista Vitor Peluso; no 9º o congressista Oswaldo Melo Filho; no 5º o congressista Custódio Campos. Aos congressistas foram distribuídos os pareceres exarados a todos os trabalhos, mimeografados.

À tarde, na Biblioteca do Palácio do Itamaraty verificou-se a instalação solene do Congresso. A mesa que presidiu aos trabalhos ficou constituída dos Srs. Rômulo de Almeida, representando o Sr. Presidente da República; Levi Carneiro, Presidente do IBEOC; Sergio Milliet, representante da UNESCO; Antonio Jorge Dias, representante de Portugal; Renato Almeida, Presidente do Congresso e Oswaldo R. Cabral, representante de Santa Catarina e Orador pelos congressistas estaduais, sob a Presidência do Sr. Embaixador João Neves da Fontoura, Ministro das Relações Exteriores.

Na assistência viam-se Embaixadores e Ministros de vários países amigos, delegações, representações, senhoras, congressistas e numerosos jornalistas. Foram pronunciados os seguintes discursos.



Os congressistas diante da sala de conferências do Itamaraty, após a sessão preparatória

DISCURSO DO SR. MINISTRO JOÃO
NEVES DA FONTOURA

"Não faz muitos dias que os salões do Itamaraty foram abertos para hospedagem de 4 notáveis telas de pintura flamenga e destinadas ao Museu de Arte de São Paulo. Recebendo aqui o Corpo Diplomático e a sociedade brasileira, não

dente da República — empresta decidido apóio.

A Comissão não comparece ao plenário do Congresso com as mãos vazias. Durante este período de preparação, o seu balanço é digno de registro. Não é demais assinalar as lutas fundamentais do que já está feito, distribuição de comunicações relativas ao folclore e de ho-



O Ministro Renato Almeida, com representantes paulistas: Zita Tavares de Lima, Jamile Japur e o Prof. Rossini Tavares de Lima

omiti a alusão ao papel que esta Casa desempenha no plano das nossas relações culturais com as outras nações do mundo. E seria ainda de mencionar, se não temesse alongar a pequena oração proferida, que a Cultura é substancialmente um estuário de afluentes internacionais, num jogo de aquisição e devolução de valores de uns para os outros.

Ministro de Estado desta pasta em 1946 coube-me a honra de propôr ao Sr. Presidente da República a fundação do Instituto Brasileiro de Educação, Ciência e Cultura que foi de todas as Comissões Nacionais da UNESCO, a primeira a ser instalada. Entre as felizes realizações do Instituto podemos anotar a Comissão de Folclore para estudos e pesquisas da nossa cultura popular e com o empenho de proteger esses elementos tradicionais ameaçados de constante regressão. Dessa obra é que resultou este I Congresso de Folclore, ao qual o Governo — e com especialidade o Sr. Presi-

letina bibliográficos e noticiosos; organização de 19 Comissões Estaduais em pleno funcionamento, sendo que as de Santa Caterina, Espírito Santo e Paraná publicam boletins impressos; realização de três semanas de folclore no Rio, São Paulo e Porto Alegre, a última das quais foi uma larga demonstração do folclore gaúcho; exposições de arte popular; esforços para salvaguardar os folguedos populares; pesquisas e inquéritos regionais orientados dentro de rigoroso critério científico; estudos comparativos; empenho pelo aproveitamento do folclore no setor educacional com a sua inclusão nos currículos universitário e normal de sorte a preparar os professores para utilizá-lo como elemento didático; relações internacionais com grupos folclóricos e folcloristas estrangeiros.

Este Congresso, cujos trabalhos tenho a honra de inaugurar, coincide com o centenário de nascimento de Sylvio Romero. Tenho isso por um bom prenúncio, pois parece atestar que os folcloristas

A presente inclusão de algumas páginas desse número de nosso Boletim decorre do fato de que em 2011 comemoramos os sessenta anos da realização do primeiro Congresso Brasileiro de Folclore que foi um marco histórico na luta de Renato Almeida em consolidar os efeitos da Campanha de Defesa do Folclore Brasileiro cujas metas vêm sendo perseguidas por todos os demais congressos que se realizaram.

Nesse número de nosso Boletim estão impressas todas as palestras então proferidas sendo, assim, um excelente arquivo memorial.

Correspondência de outras Comissões de Folclore

Obit, 2014
 Comissão folclórica Oficina de Criação e Pesquisa em Saúde e Povo

Estamos enviando um pouco do que foi o nosso Círculo Carmelense 2014, que só se amo superou-22.

Tudo em Pernambuco continuam trabalhando e atuando para as divulgações de nossa cultura popular.

D. Roberto Benjamin e o Z. Fernando, sempre trabalhando com intensidade.

Particularmente, eu gostaria muito de ter notícias de novo quando amigo pensam buscar,

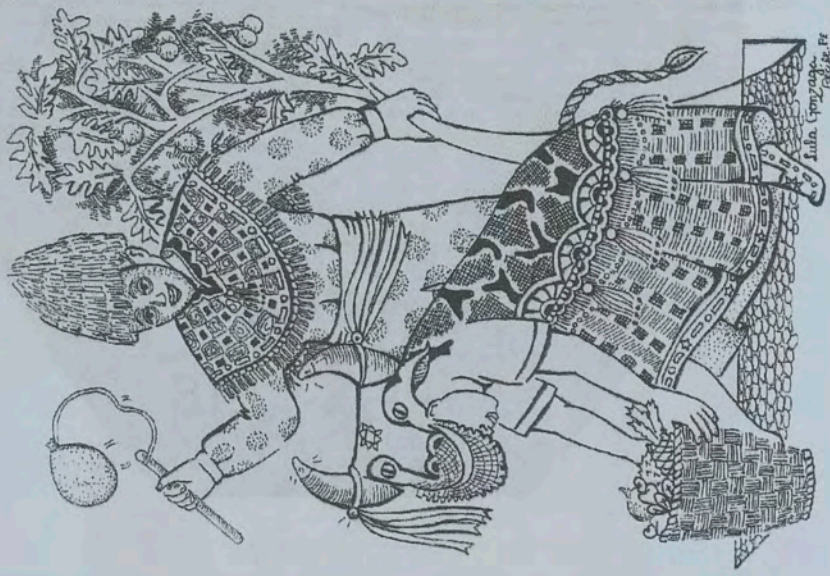
o folclorista Domicílio Soares, que sempre nos ajudou com edições do Folclore Litorâneo,

que ele muito amou e onde colocava muitas notícias de que choriam por estas regiões, mais

Isar, retratado de seu sumô matel. O amor dele ainda mora perto de nós, no bairro da Boa Vista, São Paulo, onde mora sua família.

"Tenho em mim todos os sonhos do mundo"

Fernando Pessoa



Luiz Gonzaga, 1964-66, BR

Eventos da Fundação Cultural de Florianópolis Franklin Cascaes

O CICLO DE FESTEJOS NATALINOS CHEGA AO FIM NO CALENDÁRIO CRISTÃO COM O DIA DE REIS, COMEMORADO EM 6 DE JANEIRO. A DATA MARCA TAMBÉM A CHEGADA DOS PRIMEIROS IMIGRANTES ACORIANOS NA ILHA DE SANTA CATARINA, EM 1748, TRAZENDO TRADIÇÕES QUE SE MANTÊM VIVAS NA CULTURA POPULAR, COMO O COSTUME DE SAIR DE PORTA EM PORTA CANTANDO E CONTANDO A HISTÓRIA DA VISITA DOS REIS MAGOS AO PRESÉPIO DO MENINO JESUS.

INTRODUZIDO NO BRASIL PELOS JESUÍTAS E POR COLONIZADORES PORTUGUESES, O TERNO DE REIS É UMA MANIFESTAÇÃO RELIGIOSA PRESENTE NOS POVOS DO LITORAL. DURANTE AS COMEMORAÇÕES DO CICLO NATALINO, NO PERÍODO DE 23 DE DEZEMBRO A 6 DE JANEIRO, FORMADO EM MÍDIA POR TRÊS A OITO PESSOAS COM ROUPAS COLORIDAS, OS GRUPOS DE CANTORIAS SÃO INTEGRADOS TRADICIONALMENTE POR CANTADORES E INSTRUMENTISTAS QUE IMPROVISAM VERSOS E TROVAS ALUSIVOS AOS TRÊS REIS MAGOS E AO NASCIMENTO DE CRISTO, SAINDO DE CASA EM CASA, CANTANDO E RECOLHENDO DONATIVOS PARA NOVENAS EM HOMENAGEM AO SALVADOR.

A TRADIÇÃO DO FOLCLORE RELIGIOSO ESTÁ RELACIONADA AO NÚMERO TRÊS. TRÊS FORAM OS REIS MAGOS (MELCHIOR, GASPAR E BALTAZAR) QUE SEGUIRAM A ESTRELA GUIA PARA ENCONTRAR O FILHO DE DEUS, COM ELER HAVIA TRÊS PRESENTES: OURO, INCENSO E MIRRA QUE SIMBOLIZAM AS TRÊS DIMENSÕES DE JESUS CRISTO (REALZA, DIVINDADE E HUMANIDADE). A APRESENTAÇÃO DOS GRUPOS TAMBÉM É FEITA EM TRÊS PARTES: CHEGADA, ANÚNCIO E DESPEDIDA. OS PRINCIPAIS CANTADORES FORMAM IGUALMENTE UM TRIO: O TRÍPLIO OU TRIPA (QUE CANTA FINO, DE FALSETE), O REPENTISTA (QUE FAZ OS VERSOS DE IMPROVISO) E O BAIÃO (CANTOR SOLO, SEGUNDA VOZ). ALÉM DISSO, TRÊS SÃO OS INSTRUMENTOS QUE SE DESTACAM NAS CANTORIAS: VIOLA, RABECA E PANDEIRO. ATUALMENTE, EM ALGUNS GRUPOS HÁ TAMBÉM O ACORDEÃO.

SEGUNDO A TRADIÇÃO CRISTÃ, NO DIA DE REIS (6 DE JANEIRO), OS TRÊS REIS MAGOS ENCONTRAM O MENINO JESUS E, ASSIM, ELE É REVELADO A TODAS AS NAÇÕES. A PARTIR DESSA DATA AS FAMÍLIAS PODEM DESMONTAR O PRESÉPIO E RETIRAR A DECORAÇÃO NATALINA DAS CASAS PORQUE ESTÁ ENCERRADO O TEMPO DA EXPECTATIVA EM TORNO DO NASCIMENTO DO SALVADOR E TEM INÍCIO O TEMPO DA DEVOÇÃO E DA FÉ.

14° ENCONTRO DE TERNO DE REIS

6 DE JANEIRO DE 2011
FLORIANÓPOLIS - SC

11º Encontro das Nações

Brasil em todos os tons

Largo da Alfândega
24 a 27 de agosto

EVENTO GRATUITO

Oficinas e Palestras

25/08 QUINTA-FEIRA

Paço	18h às 19h30	Oficina "Dança para educadores e artistas", com Luciene Rodrigues Bernardes (Instituto Pinaud/UNICAMP)
Audioteca	18h às 19h30	Oficina "Pindaré", com Valde Aguiar
Casa de Memória	20h às 21h	Ativa "Tricostado Cultural no FORTALEZINHO" Tema: 1. A História da Cachaça Brasileira em 100 anos, com Rosângela Tavares (FUNDACIÃO DE CULTURA) Tema: 2. História e cultura Siqueira em Fortaleza, com Fátima Batista (FUNDACIÃO DE CULTURA) e Marcos Antônio dos Santos - Fortaleza (FUNDACIÃO DE CULTURA)
Parque de Arte e Arte	19h-21h	Relançamento do Livro "Bom dia, Rio!", de Bianca Portillo

26/08 SEXTA-FEIRA

Paço	18h às 19h30	Oficina "Dança para educadores e artistas", com Luciene Rodrigues Bernardes (Instituto Pinaud/UNICAMP)
Audioteca	18h às 19h30	Oficina "Pindaré", com Valde Aguiar
Audioteca	19h às 21h	Palestra "O Cangaço em Fortaleza: Espírito Santo", com Leni Costa (UNICAMP)
Casa de Memória	19h às 21h	Palestra "Patrimônio Cultural Imaterial, Proteção e Preservação - História da cultura popular tradicional como saber-povo e conhecimento ancestral", com Lúcia Pereira de Silva Soares (FUNDACIÃO DE CULTURA) Palestra "A Festa de Nossa de Atinga: um novo tipo de patrimônio imaterial brasileiro", com Pedro Folgado (ARQUIVO PORTUGUÊS)

27/08 SÁBADO

Audioteca	10h às 12h30	Oficina da Associação Paulista de Literatura
-----------	--------------	--

Agenda Especial

28/08 QUINTA-FEIRA

Parque de Arte e Arte	18h	Concertos: Legião Urbana de Pedrinho Amorim da Luz (UNICAMP)
-----------------------	-----	--

29/08 SEXTA-FEIRA

Parque de Arte e Arte	19h30	Suares de Pedrinho de Amorim da Luz (UNICAMP)
-----------------------	-------	---

30/08 SÁBADO

Parque de Arte e Arte	19h30	Suares de Pedrinho de Amorim da Luz (UNICAMP)
Parque de Arte e Arte	19h30	"Os Capangas de Rodovalho" (FUNDACIÃO DE CULTURA)
Parque de Arte e Arte	19h30	Grupo Rodovalho (FUNDACIÃO DE CULTURA)
Parque de Arte e Arte	19h30	Grupo Rodovalho (FUNDACIÃO DE CULTURA)
Parque de Arte e Arte	19h30	Grupo Rodovalho (FUNDACIÃO DE CULTURA)

Parque de Arte e Arte
Mostra de Artesanato



FLORIANÓPOLIS

CICLO DO DIVINO ESPÍRITO SANTO



De Maio a Setembro
Em 14 Comunidades

Calendário das Festas do Divino nas Comunidades

Junho

- 08 a 08** - Rio Tavares - Capela de Bom Jesus
Casal Imperial: Oca Y Donval da Cunha
Margarito Onésio da Cunha
- 08 a 12** - Centro (Praça Galvão Vargas)
Igreja do Divino Espírito Santo
Casal Festivo: Eliudino Pinho Moreira
Ivo e Fátima Moreira
- 11 a 12** - Monte Verde - Capela São Francisco Xavier
Apelo Social: Pastoral
Casa: Pastoral Pedro Paulo Marilim
Marily Aparecida Cordeiro Martins
- 11 a 12** - Triunfo da Ilha - Paróquia N. Sra. da Lapa
Casal Festivo: João Manoel Ramos
Ana Izabel Ramos
- 10 a 13** - Estrela - Santuário Nossa Senhora de Fátima
Casal Imperial: Mãe Clara
Márcia Abreu Elor
- 18 a 19** - Trindade (Praça Santos Dumont)
Paróquia Santíssima Trindade
Casal Imperial: O. Son Rogério Moraes
Mário e Lúcia Macarini Moraes
- 18 a 19** - Franca - Paróquia Santa Teresinha
Casal Imperial: Neivaldo Silveira
Vera Lúcia e Schmilke Silveira
- 18 a 19** - Ingep (Instituição)
Santuário Nossa Senhora da Impecável
Comunidade da Luz
Casal Imperial: João Alcino Costa
Belmar Corina Costa
- 24 a 26** - Planalto do Sul - Casa de São Pedro
Casal Festivo: Paulo Roberto da Silva Vieira
Elaine Duarte Moraes Vieira

Julho

- 09 a 10** - Campeche - Capela São Sebastião
Casal Imperial: José Horácio Fuschini
Helenice Maria Nunes

Setembro

- 02 a 04** - Barris da Lagoa - Capela de São Pedro
Casal Imperial: José Laurindo do Souza Filho
Márcia Coelho de Souza
- 09 a 11** - Rio Vermelho - Igreja São João Batista
Casal Imperial: José Manoel do Aguiar
Dulce Neregizone Mendes de Aguiar
- 07 a 11** - Santo Antônio de Lisboa
Igreja Nossa Senhora das Necessidades
Casa: Imaculada José Pereira Filho
Márcia Ana Mari da Penha
- 23 a 25** - Castelinhos - Igreja São Francisco de Paula
Casal Imperial: José Hamilton Cardozo
Christiany Santos Cardoso



Rio Vermelho



Triunfo da Ilha



Barris da Lagoa

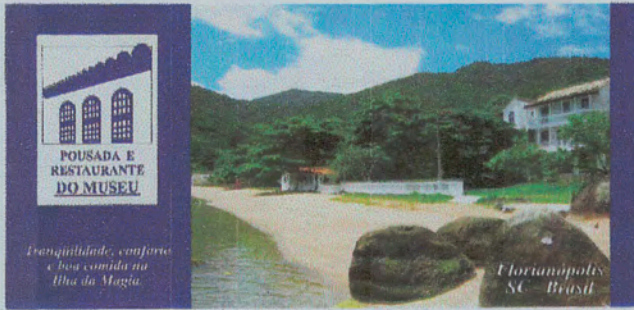


Campeche

COMISSÃO CATARINENSE DE FOLCLORE
QUADRO DE ASSOCIADOS – 2011

1. Doralécio Soares – Presidente Honorário
2. Nereu do Vale Pereira - Presidente
3. Osvaldo Ferreira – Sócio Fundador (faleceu – 14/02/2011)
4. Valter Fernando Piazza – Sócio Fundador
5. Gelsi José Coelho
6. Maura Soares
7. Francisco do Vale Pereira
8. Carlos Alberto Angioletti Vieira
9. Acyr Osmar de Oliveira – Sucursal de Itajaí
10. Taiana Haelsner – Sucursal de Blumenau
11. Valter Osvaldo Sant’ana
12. Jussara Bayer
13. Waldyr Gomes
14. Leonir Pedro da Silva
15. Márcia Reis Bittencourt
16. Fernando de Souza
17. Leonardo Micheli
18. Sílvio José Heunecke
19. Ignácio de Mendonça
20. Gabriela Pereira
21. Marica Rosa da Conceição
22. Rúbia Cristina dos Santos
23. José Roberto Severino
24. José Bento Rosa da Silva
25. Dagoberto Coelho
26. Nérliton Valério Martins
27. Maurício de Barcelos Sant’ana
28. Ilse Maria Paulino Gomes
29. Janaina Reis
30. Maria do Carmo Tripalli Fachini
31. Mariângela Leite
32. Flávio José Cardoso
33. Luiz Eduardo Caminha
34. Cristina Maria Dalla Nora
35. Terezinha Cacilda Monteiro Mann
36. Arantes Monteiro Filho
37. Daniel Pereira de Lacerda

APOIO



COMPLEXO TURÍSTICO ECOCULTURAL DO RIBEIRÃO DA ILHA

POUSADA E RESTAURANTE DO MUSEU

Rodovia Baldicero Filomeno 10100/10106 – Ribeirão da Ilha

Florianópolis – SC – Fone: 48 3237-8148 Fax: 48 3237-8016

E-mail: ecomuseuribeirao@gmail.com

Home Page: www.pousadadomuseu.com.br

VISITE O ECOMUSEU DO RIBEIRÃO DA ILHA



Home Page: www.ecomuseuribeirao.wordpress.com